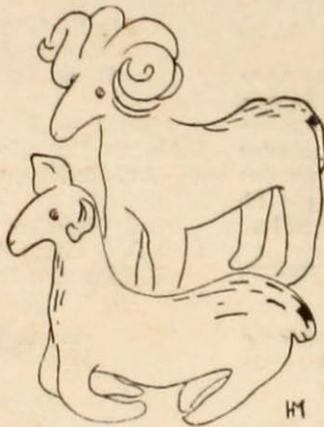


SUL



EXPEDIENTE**SUL**

Revista do Círculo de Arte
Moderna

Ano V — Florianópolis, Outubro —
— 1952 — N.º. 17

CAIXA POSTAL, 384
Florianópolis — Santa Catarina —
Brasil

Diretor:
Dr. Aníbal Nunes Pires
Secretário:
Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,
Hugo Mund Jr., J. P. Silveira de
Sousa, Luís Santos, Marcos de Fa-
rias, Odílio Malheiros Jr., Ody
Fraga, Pedro T. Taulois, Salim
Miguel.

Sul acolherá em suas páginas,
com a maior simpatia, toda a co-
laboração enviada, de qualquer
parte do Brasil, especialmente dos
jovens, se reservando porém o di-
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e
decorrem, as responsabilidades, de
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido
a esta revista, independentemen-
te de crítica assinada, será regis-
trado.

Desejamos manter contacto e
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-
das diretamente à direção, por va-
le postal ou carta registrada com
valor declarado.

REPRESENTANTES:**No Brasil**

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)
Antônio da Silva Filho
R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)
Rogério Chatagnier
R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)
Ruy Brand Corpea
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)
Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)
Vasconcelos Maia
R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)
Walmir Maranhão
R. do Peixoto, 368

Natal — R. G. do Norte
Aluizio Furtado de Mendonça
Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)
O. G. Rêgo de Carvalho
R. Lisandro Nogueira, 1223

No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)
Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Português
Augusto dos Santos Abranches

Ilha das Flores (Acores)
Pedro da Silveira

Montevideo (Uruguay)
Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)
Blanca Terra Vieira

U. S. A.
Richard M. Morse

NOSSA CAPA — Desenho de Hugo Mund Jr. sobre um tema
de cerâmica popular catarinense.

Cansa repetir, falar, insistir. Cansa mostrar que se a revista ainda não é o que gostaríamos, o que poderia ser, ela, contudo, já representa muito para o Estado, é mesmo um esforço titânico para o meio e prova concreta das possibilidades dos jovens. E que além dos que nela, desde o começo, se iniciaram, fazendo o aprendizado nas letras, serve também de veículo para outros novos do Estado (ou de fora) se iniciarem. Raro é o número em que não damos um ou mais trabalhos de elementos estrelantes. E o interesse por ela suscitado, se bem que não tenha atingido toda a camada que esperávamos, já significa algo, tendo, quando mais não seja, agitado os ânimos, provocado debates, chamando, por conseguinte, a atenção para uma série não pequena de problemas culturais. Depois, é um meio de contacto, de permuta. Contacto e permuta com outros, quase todos os Estados do país; contacto e permuta com outros países. Com Portugal, com Moçambique, com Angola, com a Argentina, com o Uruguay, com a Colombia, com o México, com os Estados Unidos, etc. São constantes, quase diárias, as cartas que nos chegam, cartas de aplausos, cartas com indicações, cartas com pedidos, cartas sugerindo modificações, ou então solicitando a remessa de coleções completas — já inexistentes. A par disso, também a respeito das nossas edições muitos se têm manifestado. Porque, além da revista, de fazer teatro, de exposições, de exhibições, etc. também procuramos lançar edições de novos autores, já tendo lançado 3 e com muitos outros programados. Enfadonho — se bem que sob um determinado aspecto talvez interessante — seria a transcrição de toda esta correspondência. Em todo caso ela está conosco, à disposição dos interessados. E assim, fator que julgamos de suma importância, com a revista, não estamos isolados, insulados, mas participantes e dando nossa contribuição para um melhor conhecimento e entendimento entre os homens. Se bem que modesta, sabemos que nossa tarefa, juntamente com muitas outras iguais de todas as partes, é uma contribuição. E cada qual contribuindo, trabalharemos juntos pela melhoria da cultura e consequentemente do elevamento de nível de vida e entendimento geral.

Mas uma revista, todos sabemos demasiadamente bem esta verdade, não vive só de semelhantes coisas. Não vive do esforço de meia dúzia, não vive dos aplausos nem ataques, não vive tão pouco da venda avulsa ou de assinaturas. Uma revista vive de duas maneiras: ou de anúncios; ou de auxílio, facilidades conseguidas por parte dos responsáveis pelo setor cultural e que tem a obrigação de auxiliar tais empreendimentos, de dar apoio às iniciativas eminentemente culturais e artísticas. É sabido quão difícil se torna conseguir anúncios para uma publicação quando esta não é de divulgação pura e simples. Em geral as grandes empresas ou dão anúncios por interesse outros, ou então visando uma finalidade prática imediata — e neste caso não lhes importa a qualidade da publicação, mas a quantidade, a quantidade e penetração.

"SUL" tem se podido manter a custa de alguns amigos que a tem auxiliado. E esporadicamente por facilidades conseguidas para composição e impressão. Mas cada dia tudo vem se tornando mais difícil, mais precário. É um verdadeiro sacrifício, uma verdadeira tortura a saída de um número. De cada vez se fica a imaginar que é a última. Basta exemplificar com o seguinte: a revista que ao começar deveria ser mensal, logo depois decidimos que seria bimestral, depois trimestral e agora nos daremos por felizes em que continue, pura e simplesmente, circulando.

Em todo caso, não perdemos as esperanças de uma melhoria geral. E continuamos. Cremos que continuaremos.

E apelando a todos para que nos auxiliem, deixamos aqui os nossos sinceros agradecimentos aos que, de uma forma ou outra, nos têm até o presente momento ajudado. Agradecimento extensivo aos que nos venham a ajudar futuramente.

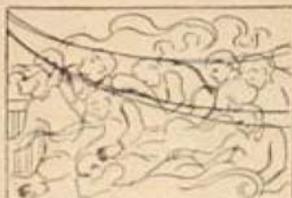
Auxilie o movimento editorial de "SUL"

ADQUIRINDO

Antônio Paladino

A PONTE

PROSA E VERSO



Edições SUL II

Florianópolis

Preço Cr\$ 25,00

Desenho de capa de HUGO MUND JR.

Retrato: Antônio Paladino por Moacir Fernandes

Fim — poema de Eglê Malheiros

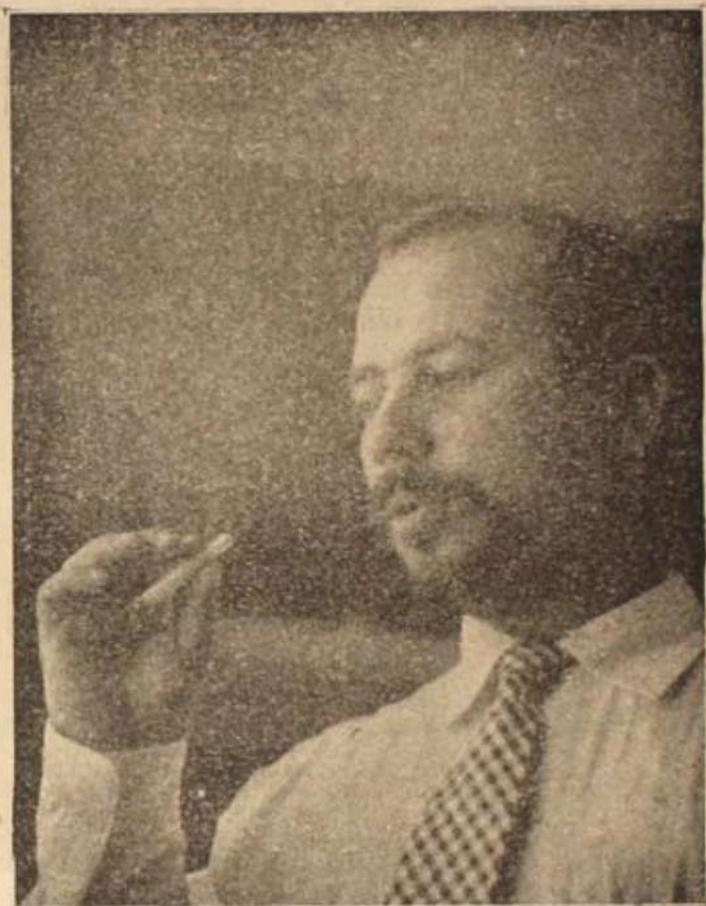
Antônio Paladino — Introdução por Salim Miguel

Nas Livraria ou pedidos diretamente à Revista "SUL"

Caixa postal, 384

Florianópolis — SC.

CONVERSA COM O ESCULTOR MOACIR FERNANDES



Escultor Moacir Fernandes

MAIS uma vez entre nós, agora às vésperas de concretizar o seu grande sonho, o escultor catarinense Moacir Fernandes de Figueiredo, o amigo Moa. Sempre que aqui vinha, e cada vez era o mesmo artista simples e humano, Moacir frisava, que todo o seu trabalho era uma preparação para o que, na opinião dele, conforme se depreende da entrevista dada a Élio Ballstaedt ("Ouvindo Moacir Fernandes", Sul nº 11, maio de 1950), era a ambição máxima de todos os artistas: "prêmio de viagem a Europa".

Agora, de posse deste prêmio, Moacir que teve a rara felicidade, entre nós onde as vocações tão pouco são incentivadas e auxiliadas, de encontrar, desde cedo, apóio e compreensão, Moacir, dizíamos, antes de partir para a Europa onde ficará nada menos de três anos, percorrendo entre outros os seguintes países: França, Itália, Portugal, Espanha, Holanda, etc., veio se despedir dos seus e dos amigos.

Como não poderia deixar de ser, tão logo aqui chegado, Moacir procurou a turma de "SUL". Desde os começos da revista que ele conosco tem colaborado, quer nos primeiros números nos auxiliando de todas as formas possíveis, quer sempre nos mandando desenhos, ilustrações, etc.

É impossível — e nem nós gostaríamos que assim fôsse — fazer com o amigo Moa uma destas entrevistas cheias de formalidades, com uma série interminável e mecânica de perguntas e respostas e onde mais da metade tange pelo lugar comum (onde nasceu, qual a sua maior emoção, que sentiu ao se saber "prêmio de viagem a Europa", que número de sapato e colarinho, prefere as louras ou morenas, qual seu autor preferido, que achou de Fplois, e que tais...). Não, nós vamos simplesmente conversando — e da conversa, melhormente diríamos "diversas conversas em diversas ocasiões", tiramos os dados para este bate-papo. Moacir fala de tudo. E pouco dele mesmo, da arte dele. Mas, com entusiasmos, justificadíssimos, das perspectivas de viagem. É preciso puxar, insistir, para que ele conte algo de suas idéias de seus planos. "Quando voltar", diz. E muda de assunto, passa a falar então de certas e conhecidas "sujeiras", explica certas coisas obscuras, de como algumas pessoas tem "estômago"; fala depois do movimento artístico do Brasil, do que se está fazendo entre nós, dos reais valores que temos.

— No campo das artes plásticas, por exemplo, é impossível deixar de citar, em primeiro lugar, diz ele, o pintor Martinho de Haró, prêmio de viagem a Europa pelo Salão de 1937. É um artista sério, que faz uma arte sem esnobismo, sóbria. Sabe lidar com as cores e formas, conhece seu "métier", sabe quais temas mais se coadunam com seu temperamento e possui a técnica, sem a qual tudo é improvisação. Mesmo para se ser artista novo, moderno, é necessário primeiro se conhecer, a fundo, todo o processo do academismo. Eis porque ainda julgo importante o estudo acadêmico — já que até agora não possuímos outra coisa. Se o artista é mesmo artista e este não se presta a fórmulas, nem se prende a escolas, quaisquer que sejam elas, acadêmicas ou modernas, depois se livra, vai em busca de seu caminho, de sua personalidade própria. E se faz. Possuindo a mais os conhecimentos adquiridos que, inegavelmente, mesmo sendo em pequeno grau, sempre auxiliam. Se a pessoa não é artista, tanto faz...

Moacir pára, sorri, respira depois de tão longa frase. Aproveitamos para perguntar o que acha ele de alguns elementos novos que se estão ensaiando através de "Sul", apresentando seus primeiros desenhos e ilustrações.

— Vocês estão com uma boa equipe, da qual alguns elementos futuros poderão surgir. Como exemplo e como o mais característico do grupo quero citar o Hugo Mund Jr. É sem dúvida um rapaz de bastante valor. A gente percebe nele o artista. Agora, mesmo nascendo com vocação, é preciso estudo, aprendizado. Sem o que se fica sempre "um rapaz de talento". Coisa detestável. É preciso que ele vá para um centro maior, que entre em contacto com outros artistas, para continuar avançando. Pois bem, estive conversando longamente com o Hugo, dei-lhe algumas rápidas indicações, ele me mostrou muitos trabalhos, alguns antigos, outros de fase mais recente. Quase iguais. O que para um rapaz como ele é mau. E o que pôde concluir foi que, além do valor inegável dêle, da tendência prá lá de manifesta para a pintura, é preciso o aprendizado. Logo. Hugo está caindo já tão cedo numa espécie de fórmula, interessante por sem dúvida, como começo, uma espécie de simplificação primária, que como início é bom, mas que, creio, acabaria por não conduzir a coisa nenhuma.

— Que aconselharia?

— Muito simples — disse e sorriu — muitíssimo simples, simplíssimo. É conseguir-lhe uma bolsa. Para que se possa aproveitar um rapaz de real talento. Daqui dirijo um apêlo ao governo para que não se esqueçam, no próximo ano, dêste jovem. Dê-mhe uma bolsa.

— Mais alguma coisa?

— Poderia falar no Arquitéto Luis E. Santos, que está tentando melhorar — estará sendo compreendido? — a arquitetura da ilha...

— E que tal achou o Museu de Arte Moderna?

— Bom. Aliás no Rio o Marquês Rebêlo só fazia me falar, me recomendar que fôsse visitar o Museu. Fui... só que fui diversas vêzes e sempre fechado. Afinal acabei entrando por uma concessão tôda especial do zelador do edificio ("Casa de Santa Catarina"), que acabou se condoendo de minha sorte. Ou então admirado diante de minha persistência. Visitei tudo; gostei de algumas coisas, de outras não, como é lógico. De qualquer forma é uma realização de vulto. Acho porém que é importante fazer o Museu não só para meia dúzia de pessoas se regálarem ou para propaganda lá fora e cartaz, mas um Museu que venha realmente a interessar ao maior número, a preencher as suas reais finalidades, a divulgar e atrair gente, daí resultando debates, comentários, etc. Para isto, além de publicidade, de mostrar o que significa um Museu, qual a finalidade da arte na vida da pessoa e da sociedade, é preciso conseguir que, em determinadas horas, esteja sempre aberto. Porque assim as pessoas se acostumarão, se lembrarão dele. E não me parece tão difícil. Isto se poderia conseguir até mesmo com o zelador do prédio. Outra coisa é a seleção de trabalhos, as aquisições para o Museu. Se se quer auxiliar um "artista", qualquer que seja ele, que expõe na terra, vá lá, muito bem, atitude louvável, ninguém tem nada com ou contra isto. Agora comprar logo um quadro e empurrar para o Museu, como se fôsse depósito de... é que não me parece justo...

— Que quer você dizer com isto! O que está insinuando?

— Mas velho, não estou insinuando. Museu não é mais, conforme se dizia ou se acreditava antigamente, coisa só de velharias imprestáveis. Museu hoje deve ter um caracter dinâmico. Vou dar as iniciais de um dos santos: olhe só para aquela coisa do Maliverni e me diga se é possível...

— Bem...

— Mas tem outros mais, ora se tem...

A conversa se desenvolve sem plano prefixado, se biparte. Vamos, vagarosamente, recolhendo os dados. Moacir agora fala de alguns planos que gostaria de ver concretizados em Florianópolis. Coisa antiga da cachola dele. Desde os tempos em que pensávamos lançar, lá vão anos, quase uma dezena, um suplemento literário em Florianópolis, primeira tentativa, frustrada, de congregar os jovens da terra. Diz:

— Conhece aquêlo velho casarão onde atualmente funciona a Escola Industrial?

— Sim.

— Pois bem: que lhe parece, depois de terminado o novo prédio da Escola, se se utilizasse aquilo para uma espécie de "Casa de Arte"? Dança, teatro, cinema, artes plásticas, etc...

— Hum...

— Não é "hum" não! Sempre pessimista.

— Mas eu não disse nada

— Não disse mas pensou. O que é muito pior.

— E então?

— Pois é, é uma idéia esta que me volta tôda vez que venho a Florianópolis. Bem que gostaria de encontrar alguém que me ajudasse, que falasse... apoio...

— Ora, então aí fica aberto o caminho. A espera que você volte. Daqui, veementes, lançamos o apêlo...

— Não zombe não.

— Mas puxa, como você "voltou" desconfiado!

Moacir dá uma daquelas gargalhadas características, se põe a rabiscar (agora já estamos sentados numa das mesas dos fundos do "Café Rio Branco"), a traçar linhas, d'onde vão surgindo figuras, planos. Insistimos, voltamos a perguntar, que nos conte seus planos dele. Mas Moa não escuta, fala das outras visitas, das farras (agora é homem sério, pai de família), do amigo Ody que anda lá pelo Rio. Ignoramos tudo e insistimos. Mas êle nada diz. Ademais não é muito de falar sobre sua arte. Diz, como quem quer encerrar a questão, que a finalidade do artista deve se fazer; aos outros explicar. Aos críticos, aos estrambólicos exegetas que tanto nos espantam com suas interpretações. Mas insistindo nós ainda, acaba por ceder, chateado, para se ver livre da coisa. Começa por falar nas artes plásticas, em especial na escultura, que é, nos diz, a mais ingrata de tôdas as artes. Veja-se para a realização de uma exposição. Fala de alguns nomes em evidência, um Bruno, um Pedrosa, um Brecheret, um Cravo Jr., um Ceschiati, etc. depois saltamos rapidamente pela pintura, música, teatro, cinema, etc., pois um espírito curioso como o de Moacir, embora se dedicando quase inteiramente à escultura, não esquece de dar olhadas às outras artes, correlatas ou não.

Moacir não tem trabalhado muito, mas o que faz, é em geral, de boa qualidade. Ainda quando do último salão, o crítico Flávio de Aquino considerou os trabalhos de Moacir Fernandes de Figueiredo dos melhores apresentados. Aqui mesmo entre nós, embora mais antigas, êle tem algumas esculturas, quase tôdas cabeças, muito boas. Simples, simplificadas às vêzes, profundamente escultóricas, não querendo reproduzir a pessoa "fielmente", mas gravar o essencial.

A conversa se alonga. Moacir muda de assunto e pergunta pela revista. Não havia recebido o último número, o 16. Então lhe entre-

gamos um, que êle folheia com interêsse, enquanto vai perguntando pela turma tôda. Depois pega de nossa última edição, o volume "A Ponte", prosa e verso deixados por nosso companheiro Antônio Paladino, olha para o desenho que fez em 1949, quando tentara uma série dos componentes da "SUL", série que ficou nos dois ou três primeiros. Sorri, como quem está rememorando algo bom e triste ao mesmo tempo, e diz:

— Bem que eu gostaria de fazer um busto do Toninho. Rapaz de valor. E camarada. É chato dizer isto assim, parece que é porque morreu. A velha fórmula. Mas êle era.

— Era. E por que não faz o busto?

— Agora é impossível, devo partir dia 27 dêste — e mostra as passagens. Mas na minha volta.

Pensa um pouco, fala no esforço titânico para se manter uma revista como "SUL" em Florianópolis, fala da repercussão, na boa aceitação da revista fora daqui, diz que é preciso mantê-la a todo custo, pois é ainda a única coisa do Estado para fora, que mostra estarem os jovens catarinenses atuantes e ao par do movimento cultural e fazendo algo, divulgando nomes e coisas do Estado...

Falamos-lhe então na incompreensão, na má vontade que, aqui, acompanha a revista, sem apôio quase, êste mais que esporádico, olhada de lado... Isto apesar de tudo que tem conseguido lá fora. Bem sabemos que é uma questão até mesmo de época, nada propícia à cultura, os homens não querendo se compreender e...

Moacir nos interrompe:

— Mas meu caro, não vejo motivo para espanto, de admiração. É um mal geral, quem sabe da época conturbada que vivemos. Ninguém se entende, ninguém procura, quer se entender, todos se imaginam donos da verdade única, última, definitiva, intangível, ninguém procura analisar, ceder, estudar e compreender os pontos alheios. Uma confusão e má fé gerais. Imagine no Rio, um centro muito maior, todos êstes pontos provincianos elevados ao máximo. Imagine navegar naquele labirinto de incompreensões e má vontade. Em tudo. Veja a arte, já que é dela que falamos. Fiquemos nas artes plásticas. Primeiro acadêmicos e modernos; depois figurativistas e abstracionistas. Todos subdivididos em dezenas de grupelhos, cada qual com que interêsse ninguém sabe, quase esquecidos da finalidade da arte, metidos em mesquinhas questões, ignorando a arte, que afinal de contas também é coisa humana, social, tem raízes ligadas ao homem, é impossível querer transformá-la numa coisa pura, intocada, extra-terrena. E lá se ficam todos êstes sabichões, em lugar de fazer, a discutir teorias e mais teorias, a se estraçalharem. Enquanto isto, o que se faz de prático, de objetivo, para resolver uma série de questões? Quer propriamente artísticas, quer relativas, atinentes ao artista, que afinal de contas não é nada mais nada menos do que um ser humanoigual aos outros, com as mesmas necessidades e apetites. Nada. Mas lá me perdi, me deixei levar. Do que falávamos? Ah, da revista...

Se interessa pelas novas edições, quer saber tudo, sendo que, mesmo com todo o movimento e preocupações que precedem uma viagem, ainda achou um tempinho para nos deixar algumas ilustrações, duas das quais para uma das próximas edições "SUL". ("Contistas Novos de Santa Catarina", edição ilustrada por artistas plásticos catarinenses).

Mas a conversa vai se ampliando, outros chegam e é já impossível anotar mais. Todos perguntam, todos querem saber do prêmio,

e de outros prêmios, todos o felicitam. Moacir faz um gesto de desespero, como quem diz, "está vendo, também num prêmio existem precalços"; com a mesma mímica nós respondemos que mesmo assim estaríamos dispostos a um "sacrifício".

Paramos então. Se bem que não inteiramente, já estávamos satisfeitos. Deixemos o resto para a volta, dentro de três anos, lá para fins de 1955.

E agora já à noite, véspera de tomar o avião para o Rio, donde aguardará a saída do navio que o levará ao tão sonhado velho mundo, nos despedimos do amigo e companheiro Moa. Com votos de amplas felicidades. E que aproveite o melhor possível o prêmio mais que merecido, recompensa justa a um artista de valor e talento. Que sem esnobismos ou cavações fez-se merecedor deste prêmio de viagem a Europa, pela secção de escultura da Escola Nacional de Belas Artes.

Fpolis, setembro, 1952

S. M.

ATINGIU O CINEMA A MAIORIDADE ?

É o cinema uma arte perfeitamente amadurecida? Está já o cinema plenamente seguro dos seus meios individualizantes ou permanece, no aspecto ficcionista, dependente do romance e do teatro? Até há pouco essa individualização era-lhe apenas reconhecida como legítima quando ele se contentava em ser meramente formal, como beleza de plástica dinâmica. Se tinha entretanto, consideravam-no como usurpador. Atingiu o cinema o equilíbrio entre os valores temáticos e os formais, isto é, portanto, a maioridade como arte?

A sua rápida evolução pouco mais tem de 50 anos, enquanto que a das outras artes é centenária ou milenária. Ele lucrara muito, é certo, com ser, de algum modo, um herdeiro da riqueza adquirida com a longa evolução da maioria dessas artes. Decerto é verdade que a maior parte dos nossos contemporâneos o viu nascer e crescer sem critério de unidade, antes num progresso impetuoso e desconcertante. Porém esse desenvolvimento precipitado teve a sua lógica na conquista duma expressão intelectual e emotiva — e dizendo isto pensamos, é claro, apenas naquele cinema em que vale a pena pensar.

Evidentemente que, na primeira fase, o homem apenas se maravilhou, infantilmente, com a máquina que descobrira. Contentou-se por assim dizer, só com as surpresas das truagens técnicas (de Méliès a Griffith), da evasão para o imaginoso primário ou para o baixo cómico do trambolhão e do pastel de creme na cara. Era um brinquedo. Diabólico sim, mas um brinquedo. Na fase seguinte (a de Wiene, l'Herbier, Lang, Murnau, René Clair, etc.) o homem verificou que esgotara essas sumárias inovações e logo tendeu para, a partir delas, criar uma estética. Foi a descoberta da sua "linguagem". De aí o "vanguardismo", o "caligarismo", os achados dos valores da luz e do enquadramento, e, acima de tudo, a utilização do ritmo de imagens com fim idêntico ao do ritmo poético ou musical. Isso correspondeu, de certo modo, ao "estilo pelo estilo" em literatura. Os temas eram mera desculpa.

Quando o homem se começava a convencer de que, em ficção, a técnica e a estética não eram fins em si mesmas, mas apenas meios, surgiu o sonoro e, com ele, a falsa, embora natural, sugestão de que isso o vinha tornar émulo do teatro, ao contrário do que até aí se afirmara. É certo que essa descoberta lhe trouxe algumas vantagens, mas não essenciais. A música de fundo, com o seu poder de sublinhar

ou completar a acção, passou a ter uma função paralela à da beleza plástica das imagens. A voz humana (ajudada pelos ruído restantes), veio acrescentar um meio de persuasão e aumentar as possibilidades de exteriorização do actor. Tudo isso lhe tirou, no entanto, uma parte da sua individualização como arte mas, supondo ele assim "absorver" o teatro, caiu, porém, num logro gravíssimo, que lhe atrasou enormemente a evolução. Teve de recomeçar um aprendizado e, de novo, preguiçou na sua evolução, ao ver o público contentar-se com as surpresas e deleites do sonoro. Mas ultimamente, uma vez essas novidades tornadas triviais, o cinema parece que se encontrou de novo na situação de achar que a técnica, o estilo e os recursos recreativos do som não lhe bastavam por si sós. A sua maioridade como arte de ficção (e não apenas como arte plástica em movimento) depende dos seus meios de exteriorização estarem à altura de tratar qualquer tema e, principalmente, de não se esquecer de tratar com a devida dignidade aqueles temas de verdadeiro valor humano e mental, que deram o prestígio às duas artes de ficção.

Parecerá que o cinema, que tão constantemente se limita a "traduzir para linguagem cinematográfica" os romances e as peças de maior êxito, não deveria estar contingente da sua obediência ao primado da técnica e da estética. Ele tem vindo, é certo, a glozar, solícitamente, os temas prediletos dessas duas faces da literatura, portanto devia acompanhá-las no seu valor e mentalidade. Não é assim, no entanto. Produtores e realizadores tem, é certo, de acorrer à rebusca constante de assuntos novos numa arte que consome temas com uma voracidade vulpina — mas só se encorajam a tratar problemas sujeitos a controvérsias (ou que imponham especiais subtilezas) quando a curiosidade do público se mostra cansada dos velhos assuntos triviais. Assim, escolhem primeiro, até à saciedade, as historietas fáceis e cómodas. Em segundo lugar, desde que haja a primacial obcessão da boa técnica ao serviço, é claro, da estética e não do valor humano e intelectual do assunto, sobrepõe-se um demasiado preconceito cinematográfico, reduzindo-se todos os assuntos utilizáveis às suas condições de beleza plástica em movimento (Trenker, Emílio Fernandez, etc.) valorizando esta ao máximo e esquematizando o que deveria ser essencial, diminuindo, portanto, o significado emocional e mental da obra transposta em imagens. Por exemplo, na cinematização de "A Pérola", de Steinbeck, sobrepuseram-se a tudo as, sem dúvida muito belas, concepções de estética de cinema de Fernandez e de Figueiroa, mas naquele caso excessivas. O

significado da obra original ficaria mais bem servido se, por exemplo, fôsse tratado com uma estética mais sóbria, próxima do "verismo" italiano. Assim, como que as desgraças ficaram bonitas demais.

É certo que se afirma que o interesse pelo conteúdo humano faz, por sua vez, secundarizar o estilo. Diz-se que isso aconteceu ao romance depois dos Flauberts, Tolstoís, Machados de Assis e Eças de Queiroz. Mas esta noção não deve, necessariamente, levar ao desaparecimento da estética formal e sim a ser encontrado um outro conceito de forma, a que a ausência de rebusca e de artifício dará uma outra verdade, sobriedade e maleabilidade. Se Anatole France surtisse hoje, já escreveria com outro estilo, ele o mago do estilismo. De resto não pode haver sobre beleza um formal critério único. É o assunto que impõe o estilo. Todos nós sabemos que as novelas históricas ou as de sertão permitem uma prosa mais rica e carregada, o que se torna nocivo nas de temas contemporâneos e urbanos. Nada impede, porém, de haver, paralelo ao cinema propriamente de efeito plástico, um que seja essencialmente de ficção. Em muitos temas os dois poderão encontrar-se simultaneamente.

O que nos parece evidente é que, desde o fim da última Guerra, estes conceitos evoluíram. O cinema norte-americano, reduto do primado técnico e simplificação mental, está em crise e isto sem que a qualidade tenha piorado, apenas por cansaço do método. Dois outros países, que não tinham aceitação, passaram a estar altamente cotados; Inglaterra e Itália. A França, fraquejando aqui e ali pelas condições económicas, apresenta também filmes de notável arrojo e singular significado. O nível de certas películas da França, Itália e Inglaterra corresponde a acreditarem ali numa outra mentalidade dos espectadores. Os produtores norte-americanos acham que o público ainda não está preparado para certos temas de maior subtilidade ou altura mental. O certo é que na Europa se deu o aparecimento dum cinema, a que chamaremos de casos de consciência, em que se faz uma análise mais profunda das problemas do homem — afectivos morais, sociais, filosóficos e religiosos. Em certo género de cinema o homem não era mais que um "agente de movimento", um fantoche, um "robot", mexendo-se na intriga como uma pedra de xadrês movida pelos dedos dum jogador nervoso. Depois, isto é significativo para o que vimos dizendo, passaram a não adaptar os assuntos a uma prévia noção de estilo e técnica, mas a escolher isso em relação a cada tema executado — como se vem dando no romance actual.

Sem essa nova noção dos problemas do homem não seria, por exemplo, possível o êxito da actual escola "verista" do cinema italiano, despida propositadamente de todo o embelezamento, achamos até que, por vezes, exageradamente desguarnecida. A Inglaterra, entre outros (nos quais há por vezes a notar uma muito especial utilização do humorismo) acaba de nos dar um novo exemplo de simplificação de efeitos propriamente cinematográficos a favor da subtilidade, nos processos de narração, tratando pelo aspecto mais difícil uma justificação do direito de cada homem a uma melhor compreensão por parte dos seus semelhantes em "The Browning Version", de Asquit. A França, depois do caso de consciência de "Com o Diabo no Corpo", de Autant-Lara, deu-nos a película feita pelo advogado Cayate "Foi feita Justiça" em que, ligado a um "fait divers" de eutanásia, nos mostra com ágil observação as contingências humanas ao julgar-se alguém num tribunal. A própria América realizou em "Intruder in the Dust", de Faulkner, dirigida por Brown, uma singular tentativa de compreensão do orgulho racial tanto de brancos como de negros, mantendo uma equidade bem difícil. Em qualquer delas, todas de estilo diverso, a forma se ajustou e dependeu do assunto.

Mas um dos aspectos em que este problema tem maior interesse é quando o actual cinema trata das reacções do homem ante o sentimento do divino assunto agora tão insistentemente retomado que parece que o cinema acordou novamente, para um dos assuntos mais tratados pelo teatro e pelo romance no século XIX. Mesmo o cinema alemão, que de novo ensaia os seus passos, deu-nos nesse sentido "A vida pertence a Deus", do Dr. Braun, em que coloca, entre a influência duma médica agnóstica e a dum padre católico, a um pastor protestante, que a certa altura vacila na crença, a ponto de pensar em suicídio. A conclusão está posta de antemão, evidentemente. O próprio clima é bem diferente do conseguido com brilho por Rossellini em "Libertação" (Pai-sa), quando fez, durante a guerra, hospedarem-se entre frades dum convento católico, a um pastor protestante, um padre da igreja romana e a um rabino judeu.

Mas é em "Deus precisa dos Homens" (título posto propositadamente ao contrário), realizado por Delannoy sobre um romance de Queifelec, que mais se estuda a angústia humana, embora aqui do homem rude e primário, perante o enigma da divindade. Não é propriamente uma película religiosa. Em vez de determinada religião (ali parece até evidenciar-se a impotência desta) a verdade é debater-se a

secundarização do espírito místico verdadeiro em relação à importância dos rituais exteriores das religiões. Esta película, que é uma excelente obra de cinema, serve bem para testemunhar o que atrás dizemos sobre a evolução do estilo quanto a filmes. Delannoy é um esteta, um estilista do "écran". As imagens muito belas do "Eterno Retorno" e de "Sifonia Pastoral" atestam-no bem. Isso tornava a sua narração um pouco fria, como que intelectual e preciosa. Aqui, nesta película, se é bem evidente que não segue o método dos italianos de trivializar os meios narrativos, o certo é que passou a contar tudo mais desprezenciosamente, dando-lhe um tom forte e primasia à naturalidade e vivacidade do que narra. Não é, de forma alguma uma película desataviada e desgredada, antes, pelo contrário, pois tendo uma propositada rusticidade, mantém uma suave beleza de estilo e uma muito cuidada fotografia — mas consegue, acima de tudo, uma simplicidade na narração directa e como que agreste do assunto, tornando-o mais humano, mais tocante, não especulando em demasia com os aspectos estéticos, antes sublinhando, em tudo e por tudo, os valores do tema proposto.

Será este abandono do exibicionismo estilista e esta submissão (tão sensata que não resulta exagerada) dos meios estéticos e técnicos do cinema actual aos assuntos que narra e, principalmente, esta preocupação de preferir revelar o homem que pensa e sofre em vez de o utilizar apenas como um agente da acção, que gesticula, corre, beija, esmurra e mata, sim, será este interesse mais profundo pelo homem, pelas suas inquietações e pelo seu destino um sintoma de equilíbrio, de maturidade na mais recente das três artes de ficção? Esperamos que sim.

Roberto Nobre

Lisboa — Portugal

O CINEMA E OUTRAS ARTES

O cinema pode ser simplesmente cinema, arte autônoma, com argumento escrito exclusivamente para a sua mais pura manifestação. E também pode ser vulgarizador, tornando-se veículo educativo e cultural. "Hamlet", de Laurence Olivier, tem a função de levar o teatro dramático à pessoas que vivem em lugares onde somente se imagina o que seja a arte teatral, assim como Emeric Pressburger e Michael Powell, com "Sapatinhos Vermelhos" e "Contos de Hoffmann", apresentam espetáculos populares de balet em qualquer cineminha de arrabalde. Coisas que estão na posse de uma elite apenas, ficam ao alcance de milhões de espectadores quando a Setima Arte dispõe-se a servir de intermediário.

O filme sobre arte perde a autonomia, mas não deve perder a sua personalidade só pelo motivo de se por à serviço de outro elemento. Sua linguagem própria é obrigada a cooperar na exposição, para não se tornar um frio e metódico moço de recados a repetir, em tom enjoativo e cacetete, a mensagem que lhe incumbiram de dar.

Após a experiência de "Henri V", onde é grande a fronteira entre o cinema e o teatro (as sequências da batalha lembram o grande estilo de Eisenstein, enquanto outras cenas são de imobilidade imprópria), Olivier realizou "Hamlet". A junção melhorou neste filme. O espetáculo sizudo ficou mais ameno e harmonioso. Dando sumiço em alguns personagens, cortando diálogos e monólogos sem decepar o valor integral da peça, a câmera movimentando-se inteligentemente entre pausas de sabor cinematográfico, a cenografia plasmando a atmosfera de tragédia, o realizador conseguiu uma solução para as boas relações entre o cinema e o teatro. A película dá ensejo a que Shakespeare seja assistido fóra do palco, sem um bocejo impaciente.

*
* *

Um filme tem grande facilidade em mostrar coisas que estão longe de nossos olhos e, pagando-se alguns cruzeiros de ingresso, a gente pode sentar-se numa sala de projeção com o fim exclusivo de conhecer uma verdadeira exposição de obras de Arte (atualmente a coisa não é bem assim, Raros filmes de tal espécie aparecem nas programações dos cinemas, mas dias melhores hão de vir...).

A cinematografia francesa, pelo que é mostrado aqui no Brasil, é a que mais se dedica a películas sobre pintura, já tendo produzido filmes que tratam de obras de Matisse, Fernand Leger, Maillol e outros, destacando-se, entre todos, "Van Gogh", de Alain Resnais, talvez a melhor película do genero realizada até agora, com ótimo emprego de movimento e luz. Dois outros filmes interessantes são "Henri Rousseau, le Douanier", de Lo Duca, feito com bastante habilidade e senso artistico, com a finalidade de servir platéias menos cultas e "La Provence de Paul Cezanne", ensaio cinematográfico de Pierre Ceria, estudando autor, ambiente e obra.

*
* *

Em nosso país, foram produzidos dois bons filmes que tratam de pintura. O primeiro, dirigido por Lima Barreto, baseado no mural "Tiradentes" de Portinari, agradou bastante. Planejado e realizado com inteligência, está longe do documentário frio. Sobressai, neste filme, o valor didático, pode-se dizer, tomando-se em consideração a "explicação" que a película tenta dar sobre a inspiração do pintor. A câmera serve de guia. É coisa até muito louvável como ajuda á arte moderna. Definindo a posição do artista contemporâneo, serve de esclarecimento aos cérebros incapazes de admitir Portinari e apegados á difícil e nobre arte de pintar coisas parecidas com folhinhas de parede e naturezas mortas que de fato são "mortas". Portanto, é bom trabalho endereçado aos que persistem em louvar e defender uma técnica que, posta em jogo, só repete e não diz mais nada, tornando-se fórmula, de nada adiantando a insistência burrificada de espremer coisas por demais espremidas e que não são a verdadeira expressão artistica de nossa época. Bem, isto já é outro assunto...

Agora, nova película nacional, de bons predicados, está sendo exibida por aí: "Os tiranos", dirigida pelo francês Marcos Margulies, referente ao quadro do mesmo nome do pintor quinhentista Antoine Caron, realizada com a colaboração dos alunos do Seminário de Cinema do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Parece-me que o laboratório maltratou o filme quando de sua copiagem. Entretanto, embora tenha essas falhas técnicas, está muito bom. Possui um desenrolar liso, acompanhado por um fundo musical bem trabalhado e uma narrativa oral discreta. O argumen-

to não fala distintamente do que o artista pintou e o tratamento cinematográfico não afeta o que o quadro reproduz, havendo uma busca de novo valor, de recriação.

Com relação á pintura, muito poderá ainda o cinema avançar, conforme a técnica for aperfeiçoada e, principalmente, quando a côr for captada de maneira satisfatória, oferecendo uma realidade ideal.

*
* *

Tratando-se de escultura, pouquíssimos são os realizadores que a ela se dedicam. Os poucos filmes sôbre escultura, na sua maior parte, apresentam a obra ao expectador como se mostrassem uma gravura idêntica estampada na página de uma revista. É verdade que a função do cinema, em tais filmes, é mais restrita, chegando mesmo a afugentar os cineastas que não podem "aparecer" num trabalho dessa natureza. Mas René Lucot, com "Rodin" e "Bourdelle", conseguiu mostrar algo expressivo dentro de tal exiguidade. Em ambas as películas, a imagem focaliza as formas, sob as variações da luz, em estudo visual que procura pôr a câmara em lugar de nossos olhos, fazendo uma narrativa fora do comum. A apresentação, dessa maneira, foge ao estático, adquirindo certo dinamismo mais aconselhável.

*
* *

Até o momento presente, poucas vêzes as relações do cinema com outras artes têm sido bem sucedidas. Aliás, as tentativas não foram muitas. Tentativas realizadas por sociedades ou órgãos educativos em sua quase totalidade, pois é um cinema que não oferece vantagens financeiras. Porém, já existem bastantes filmes que fazem a gente acreditar na concretização de um futuro cinema educativo e cultural capaz de ser um organismo vivo de propagação e não um mero documentário de aspecto burocrático como é a maior parte da produção de filmes sôbre arte.

(Pôrto Alegre)

Antônio da Silva Filho

fazê-la francêsa ou italiana, na hipótese de alguém musicá-la fugindo ao desenho rítmico e melódico do nosso povo.

Aliás, é bom falar desse assunto, porque há acentuada tendência para a musicalização no teatro moderno. E, o que é mais importante, há tendência também de buscar motivos populares para o argumento quer do teatro literário quer do teatro revista. Basta citar para exemplo a peça "LOST IN THE STARS" musicada com grande sucesso por Kurt Weill, em 1949, o autor e compositor trabalharam com temas do folclore negro e tôda a música se casa fielmente ao argumento e aos personagens, caracterizando-os ainda mais.

Sendo assim, torna-se claro que a musicalização ãe uma peça de ambiente acarreta dois problemas:

1º — Não se pode compor a música sem objetivos sociais e estéticos, pois isso arriscaria o choque entre o natural e o artificial, tornando as cenas ridículas. Claro está que não me retiro a casos em que o personagem **A** liga uma eletrola e **B** e **C** saem dançando, Refiro-me, sim, ou à música incidental ou à música cantada no palco, quando há necessidade de caracterizar o ambiente. Então, sòmente com motivos folclóricos, podem obter-se resultados satisfatórios.

2º — Tôda a música originalmente criada deve ser impressa e divulgada juntamente com o texto. Sòmente o desconhecimento do poder da música no teatro pode justificar o êrro de Lorca na Sapeira Prodígiosa.

Como estou tratando de um assunto pouco discutido em nosso teatro, não convém ir muito adiante, neste primeiro artigo.

O meu único e verdadeiro interêsse é trazê-lo à discussão, evidenciar-lhe a importância e, depois, esperar que os entendidos emitam sua opinião.

F I M

Para Antônio Paladino

Nós

E êle

Sòzinhos

Uma dor anestesiando o cérebro

E êle já sem dúvidas no rosto despido de sonhos.

Paradas

As mãos famintas de beleza.

Silenciosos

Os gemidos, os cantos e o último desespero.

Era descanso:

O vento acariciava em sussurros o corpo adormecido,

Porém

As árvores e o céu

A alegria indiferente da tarde de maio

O cheiro de sol

O vermelho da flor

Falavam de vida e juventude.

E a mocidade, que mal começara a ser

Véspera de destruição,

Proibia

Qualquer vaga tentativa de consôlo.

Maio, 1950.

EGLE MALHEIROS

POEMA DA RECORDAÇÃO

Anibal Nunes Pires

A minha caravana
deixou terras nas distâncias
e o tempo me envelheceu.

Situações e gestos
representações e atitudes e ações
perderam-se na neblina espessa...

Trilhos abertos na estrada longa
permanecem...

A caravana irá adiante
Ficarei na parada próxima
Apenas
com a recordação
da jornada inicial.

ANOITECENDO

Sinto o silêncio...
O silêncio nostálgico das tardes de outono.
E um langor lasso,
Enfadonho,
Medonho...
E o tédio que nasce de tudo o que faço...

Sinto a tristeza...
A tristeza invulgar das tardes de outono.
E uma apatia estranha,
Doentia,
Sombria...
E o descanso que tudo acompanha.

PAISAGEM

José Tito Silva

A janela do avião
Descortino, lá em baixo,
o planalto frio, verde, ferás, citadino,
empinheirado e saudável...
Serras azuis, verdes, imóveis, solenes,
pregadas no horizonte dos céus...

Além... diviso a planície arenosa,
malhada de vegetação mirada,
emalada pelas brancas explosões do mar.
... alguns coqueiros... pedras gigantes
de beira-mar, ilhas,, e para longe...
o profundo, imenso oceano...

De tão distante ponto não vejo,
Mas imagino o Homem descalço e sadio,
Feliz entre as aves e os animais
da Paisagem...

Antônio Paladino

Sinto a saudade...
A saudade nascida das tardes de outono.
E um vago prazer,
Agradável,
Adorável...
E a paz efêmera que empolga meu ser.

Uma briza fresca sacode o arvoredo
Folhas secas despenham-se no espaço
Há silêncio, há tristeza, há saudade
E a tarde vai fugindo, fugindo
Passo a passo.

SONETO BRANCO

Walmor Cardoso da Silva

Amor, depois do preâmbulo
a carta começa no mesmo tom.
A intonação é fruto do meu pesar,
da minha dor, do meu não saber.

Tomo tua figura idealizada,
lançando sôbre teu pensamento
o enigma branco como a folha
em branco do livro que me deste.

A indecisão foi só novidade
aparente. Há novas causas
pela noite e sol noutro poema.

Continuo o mistério. Surge a ponta
do triângulo e sempre escuto
a ressonância do meu verso,

ELEGIA

Nataniel Dantas

Aos mortos que residem por caminhos de sonho,
As mãos diluídas em substâncias de planta,
As vozes inundadas de silêncio,
Aos pés estancados, sem rota
— São as elegias que canto.
Impossível rasgar o pensamento com a música do riso,
Fender os ouvidos com o cântico dos vivos
Sem a gravidade nostálgica dos que se fôram.
Eu canto a morte e os nascimento,
O sexo e o cortêjo da volúpia sob um céu curtido de monotonia.
Meu repouso da noite não é feito de estrélas
Mas dos fios oníricos que brotam
Das substâncias liquefeitas e difundidas
Em perfume e planta.
Não sou poeta das alegrias fáceis,
De minhas mãos não caem poesias
Sôbre o diáfano nem das cogitações dos mares.
Vêm-me às órbitas as serenidades mortas
Na luz crepuscular despreendida,
Onde a palavra, o pranto, o riso, a carícia :
Moram no silêncio e no seio das mutações subterrâneas.
Não canto a haste verde que pende ao vento,
Mas, a que sêca, baila na aragem no chão sem destino;
A ostra encrustada e viva,
Mas a concha sugada, parada e partida.
Não falo de barcos nas ondas, ao sol de capricórnio,
Mas daqueles que não velejam
E lá moram às bordas das vagas,
Sem cruzeiro, encalhados no Tempo.

POEMA

Francisco Rocha Filho

O dia que nos aguarda
é insondável como
o destino da prece
que decoramos na infância.
A criança conversava
enquanto na imaginação
os deuses teciam
longos véus para
cobri-la e disfarçar
o que o dia de amanhã
já aguardava
de recúos e desencanto.
Das mãos dos infantes
arcos frágeis
a prece, flexa decepada
retira-se para a sua
aljava silenciosa

DOIS POEMAS DE

Bertina Lopes

— 1 —

Aqui estou
Sem ter chegado.

Amarrada
Esfarrapada
Neste farrapo de mim,
Apodrecida
Dorida
Nas febres que já passei
Pelos gosos que gosei,
Suplicando aos Universos
Prosas
E Versos.

— 2 —

Chegou a noite
E as estrelas baixaram do céu.

Terrível momento de angústia...
O que procuro, nem sei.
Quero ver-me e não me vejo,
Quero ter-me e não me tenho.
Só o calor dum beijo tão distante,
O furioso delírio de receios que tive,
O frémito de meu corpo ardente
Implorando carnes que não quiz!

...Hoje, a noite sou eu.

Moçambique

— 25 —

DOIS POEMAS DE

Antônio Jacinto

Quero cantar e Cantarei

Para Miguel Torga

Quero cantar e cantarei
Toda esta humana ânsia louca;
A mão que me cerrar a boca
Não impedirá o canto que sei!

Autobiografia

O teu sorriso
espelhado em meus olhos, Mãe;
Um pouco de poesia
a limitar todo o presente;
E a Vida sorrindo também
ao futuro humano que se presente!

Luanda (ANGOLA), 1952

DOIS POEMAS DE

Augusto dos Santos Abranches

CHUVA

As nuvens soltaram os longos cabelos
e seus fios de veludo tocaram o cheiro da terra.

Uma rede tôda frágil encheu o perfume da tarde.

ODE

Abre ao caminho da esperança o círculo dos teus braços
e que os punhos sejam mais do que bandeira
traçando a rota do futuro
por entre os marcos-mortos dos companheiros caídos.

Salta ao infinito da esperança a força das tuas palavras
e que a música seja mais do que sentido
buscando a rota do futuro
por entre os sinais-mortos dos conhecimentos proibidos.

Lança ao rebentar da esperança a ponte da tua acção
e que o momento seja mais que simples pausa
guardando a rota do futuro
por entre os traços-mortos dos exemplos iludidos.

Ah, e que a tua foice encontre a seara já madura
para a bôca coletiva erguer os seus cânticos esquecidos!

Nampula — Moçambique

P A Z

Para Eglê Malheiros

Olhares torvos te fuzilam,
Linguas torpes te enxovalham,
Sangrentas mãos te apetezem.

Mas de rosto calmo e confiante,
— Do Coração dos Homens nascida —,
De polo a polo te ergues
Alta como a Vida !

Manuel Pinto

Faro — Portugal.

MOMENTO EXTERIOR

Horácio Villa

Sinto que não tenho arcaboço para aguentar o que não digo
Por isso nas avenidas isolado sinto desespero
Porque desespero?
Razão e Causa nas tuas mãos como pomba
cheia de grades
Alto Espírito de Ignorância . . .
Oh ser-se ignorante . . .
E se olho para um espelho e vejo a minha vida
Toda a gente ri de mim
Verdade na tristeza dos outros
e tudo mentira na minha verdade.
Estou triste acredita
Os meninos no "Carroussel"
em cima dos cavalinhos dos cavalinhos . . .
E se olho para dentro de mim e cálculo a minha vida
o espelho cai no chão e parte-se . . .
Odeio a vocês todos altos espíritos engarrafados
porque não compreendem porque estou triste
E se tu não me deixas dormir sonhos nos teus olhos
ou torná-los estrelas fixas do meu sentido
acredita que sou vagabundo
e desespero e desespero . . .
Eu rio deles sabes rio deles idiotas
Causa agulhada e Razão multiplicada em pontapés
Só quero que percebam que não sinto arcaboço
para aguentar o que não digo
Não sou célebre
Não terei estátua
Não serei fabricado poeta de fama
porque se riem de mim quando vejo vidros coloridos
e o meu galo colorido sem crista
tornado sol morto . . .

Boceja dentro de autocarros e conversa com vagabundos
Faz-te irreverente
Dar-te-ão ursos de veludo para brincar
e prometem-te uma água-furtada
e uma noite sensual . . .
Oh mas deixa-me dormir no teu colo
e lembra-me que sou homem
Tira de cá os sonhos todos
e atira-os lá para baixo para a multidão
para serem pisados
Ninguém me entende
É velho e cheira a fascículo de romance abortado
mas é verdade ninguém me entende . . .
A razão porque canto a vida e porque estou triste
ficas tu com ela e dá-a de comer
à pomba com penas sujas
e vem comigo pelas avenidas
e seremos banais e estúpidos
e não teremos mais que círculo fechado
e não compreenderemos além dos olhos
e tudo ficará dentro . . .
e parte-se o espelho então . . .
Raiva de ser triste
Vontade de ser atleta para bater em gente
Oh ser-se ignorante . . .
Embala-me a vida embala-a
e canta como se cantasses a um miudo
um miudo com uma birra . .

Lisboa, 28-2-52

SOMBRA

Heteivina Villanueva y Saavedra

Háblame en el divino secreto en que meditas
Ahora
que duermes largo y silenciosamente.

Abrázame con la sombra tibia de tu silencio
Ahora
que busco la sonrisa de tus pupilas glaucas
con las que tanto me besaste.

Háblame con el divino secreto en que meditas
Ahora
que te llamo y no respondes
y duermes largo y silenciosamente.

Abrázame con la sombra tibia de tu silencio
Ahora
que te pido la luz dorada de tus cabellos
que en mi vida acariciaron mis ensueños.

Háblame
talvez pueda darte calor mi pensamiento
talvez pueda vestirse de luz el alma mia
huérfana de tu mirada y de tu voz.

Háblame
Ahora
que llevo vibración en las pupilas
Abrázame
en la sombra tibia de tu silencio
Abrázame ahora !

Y . . .
Háblame en el divino secreto en que meditas.

La Paz — Bolivia

HUERTA VIVA

LA TIERRA

Las voces de la huerta no han dejado de pasearse por sus profundas galerías, sorbiendo el zumo del mediodía pleno que engarzó allí su cántaro y su almohada.

A veces, trepan ellas por las pequeñas raíces o maduran en el contorno della fruta desaparecida.

Cuando regresan los ocres de invierno, las delgadas madejas que se detienen en los campanarios les recuerdan espectrales.

Y ellas saben que el olor del riego o el de la hojarasca quemada llegarán a ser del color de muchas tardes antiguas si a las tardes jóvenes quieren inclinarse enteras sobre esta tierra.

Juntarla en la mano es ya ganar la distancia infinita.

Su tibieza derrota el límite y con la humildad de sus silenciosas criaturas vuelven los pasos, la figura y la voz.

El hombre temprano y el hombre ceniciento abandonaron allí sus palas.

Pero la manzana roja puede ser, en cualquier momento, el centro vivo de aquella morena eternidad.

LA HIGUERA

Nodriza del tiempo con sus mil y tantos desvelos caídos sobre la tapia.

Ella atiende y dá y aún no ha dejado de sentirse fuerte.

Si pudiera, alcanzaría un poco de sus canciones viejas a las vírgenes locas del cielo que pasan de largo con sus melodías deshechas. Con sus fragmentos de antiguas melodías que ya no quieren juntarse.

En torno maduran los rostros monstruosos, las manos que aumentaron sus dedos y el profundo grito de la criatura reciente que le recuerda un alarido de siglos...

Pero ella está y seguirá estando cuanto pueda, sólo para dar y creer.

Los lejanos niños de la casa juegan todavía con sus castillos de sol, soplando un aire de cenizas.

Buenos les serán siempre los grabados de la distancia para mirar y pensar.

Los finos dibujos que ondulan en el viento; en el ademán de la noche; sobre las cornisas roídas y verdes...

Blanca Terra Vieira.

Sobre oros y aires
camina una sonrisa
Busca su savia el día
y entrega su sonido.
Ni catedral ni estampa
desprezado fuano
ángel precipitado
oscura peregrina
aliviada en la luz.
El camino nos tiende
extraños brazos vivos.
En el oro y el río
buscamos la esperanza.

Argentina

EL GRANADO

Su fruta era la fruta-reina. Hinchada de buena salud y de matronería brillante.

La corona le punteaba en alto como un pregón o una estrella.

Breves estaciones de flores rojas cantaban en su corazón abierto.

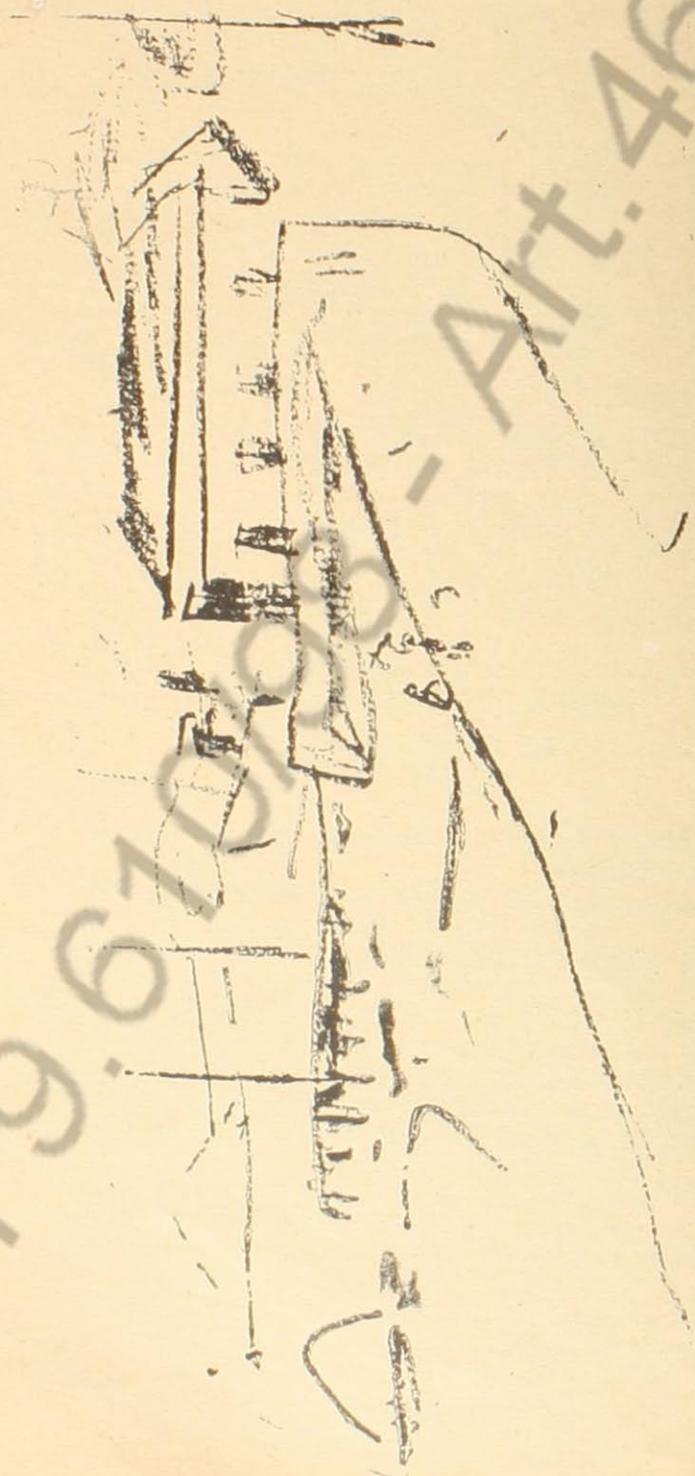
Oh, cuando él quería darse íntegro, no había mayor delicia.

Cristal que abandonó su gesto.

Cristal grato para todos los de la mesa; con una púrpura nueva y comarcana que olvidó completamente su linaje...

Ana Maria Garasino

Argentina — Abril de 1952



Florianópolis — desenho de Van Rogger

A exposição retrospectiva, em comemoração à "Semana de Arte Moderna, de 1922", levada a efeito em São Paulo, constitui, certamente, um dos acontecimentos culturais mais importantes de 1952, em nosso país. Não se trata simplesmente da apresentação de famosas telas e de esculturas não menos célebres. É, antes de tudo, a oportunidade da nova geração entrar em contato com as obras que marcarão o início da renovação da arte no Brasil.

A "Semana de Arte Moderna", com que um grupo de artistas, em 1922, agitou a vida cultural do Brasil, escandalizando o público habituado à tradição acadêmica, exerce estranha fascinação sobre quem compreende ser a arte a manifestação mais elevada da vida humana. Sua importância não decorre, exclusivamente, de marcar o aparecimento de obras contrárias aos cânones tradicionais; sua influência estendeu-se aos arraiais de seus adversários, facilitando o abandono de normas que prendiam a liberdade da criação artística.

*
* *

Sergio Milliet, em sua obra "Pintura quase sempre", anota que o marco indicado pela "Semana de Arte Moderna, de 1922", estabelece mero recurso para permitir a compreensão da passagem do academismo para o modernismo, pois que já em 1916 Lasar Segall apresentava trabalhos Impressionistas.

Evidentemente a eclosão da Arte Moderna não se fez, no Brasil, de um dia para outro. Lenta elaboração formara o grupo que se uniu em torno das idéias modernistas, sem que se possa precisar o aparecimento destas.

A exposição retrospectiva das telas e esculturas de 1922 dá a justa medida do apego à tradição, que vigorava naquela época. Em 1952, causa-nos espanto que aquelas produções de Malfatti, Di Cavalcanti, Brecheret, Alta, Graz, Rego Monteiro e Tarsila do Amaral tenham produzido tal escândalo. Excetuando-se o "Bello", de Emilliano Di Cavalcanti, e duas telas de Tarsila do Amaral, aliás datadas de 1923, as peças restantes são tímidas afirmações do modernismo, quando se estabelece a comparação entre elas e as obras atuais que figuram no mesmo museu em que se realiza a retrospectiva". Esse fato exhibe, sem dúvida, a profundidade da revolução que a Semana de Arte Moderna representou no Brasil. A sociedade brasileira mostrava-se, por certo, extremamente conservadora, hostil a todas as manifestações artísticas que se afastassem dos padrões acadêmicos. A independência dos jovens que se revoltaram contra essa prepotência, e a coragem pelos mesmos demonstrada em enfrentar a oposição que surgiu, tornam o grupo de 1922 merecedor da profunda veneração das novas gerações.

A "Arte Moderna" surgiu em Paris, no século XIX, com o Impressionismo. Os princípios dessa escola são encontrados já em Constable, quase 40 anos antes de surgirem os impressionistas franceses. Descendendo dos pintores realistas, que se apegavam aos modelos da natureza, os impressionistas desprezaram as regras acadêmicas, iniciando um movimento individualista pela originalidade de concepções. A subordinação à com e à luz deu lugar, posteriormente, a outra orientação, que caracterizaram as numerosas escolas modernistas que se sucederam, e que culminaram no abstracionismo.

Na literatura, a arte nova se manifesta no aparecimento do simbolismo, substituído, poucos anos depois, por outras escolas, que encontraram seu vertice no Dadalismo. A revolução simbolista não foi, quanto à forma, tão radical e profunda

quanto à do impressionismo nas artes plásticas. O manifesto de Moréas foi preciso quanto às idéias, mas vago quanto à forma. No Brasil, o modernismo foi introduzido, pelos simbolistas, em literatura, ainda no século XIX. A versão plástica do movimento, contudo, exigiu elaboração mais lenta. Pode ver-se, no fato, a intensidade do apego da sociedade brasileira às formas tradicionais.

O estudo da revolução artística, que se efetuou em São Paulo, em 1922, encerra questões de grande complexidade. Antes da Semana de Arte Moderna houve, no palz, outros movimentos modernistas, de escassa repercussão. Dessa forma o sucesso da "Semana" encontra sua justificativa em elementos mais profundos que o talento dos seus empreendimentos. Houve, evidentemente, dois aspectos distintos: o de natureza estética, que foi a produção artística, e sua influência sobre a sociedade, de natureza social.

*
* *

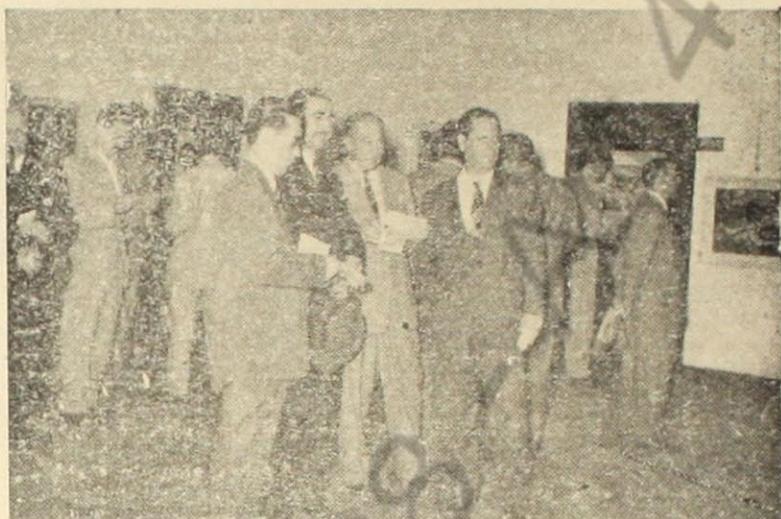
Os artistas que realizaram a "Semana" de 1922 foram impulsionados pelo entusiasmo de seus ideais estéticos. Estes são justificados pelos princípios gerais do modernismo. Não houvesse no ambiente, porém, as condições de receptividade encontradas, o movimento não passaria da imitação das teorias européas tentadas por outros grupos. Não importa que a iniciativa tenha encontrado oposição, pois que esta foi um dos elementos preponderantes para sua vitória. Somente a indiferença e o silêncio constituiriam, realmente, a ausência das condições que deram relevância ao empreendimento do grupo modernista.

Quaisquer que tenham sido as injunções pessoais de que resultou o acontecimento, ou as ligações com outros elementos, a Semana de Arte Moderna surge-nos como um fato social ligado à cidade de São Paulo. A arte talvez não seja a expressão de uma sociedade. Parece-nos incontestável, contudo, que é a sua manifestação cultural mais elevada, e que sua riqueza está ligada às diferenciações das classes que constituem a sociedade. Quem procura compreender o marco modernista lançado no Brasil em 1922, conclue que se comemora, em 1952, o reconhecimento da maturidade da sociedade brasileira. As obras que figuram na exposição retrospectiva alcançaram a significação profunda de que, através delas, a cultura brasileira aceitou as formas artísticas mais envolvidas da cultura ocidental, surgidas juntamente com as formas econômicas, políticas e sociais que caracterizam o estágio atual dessa cultura. E tal acontecimento se deu em São Paulo, cidade provinciana que se antecipou à capital na riqueza e variedade da composição de sua gente, que permitiu a existência da sociedade com grupos para atacar, para defender, e para aceitar a arte moderna.

Victor A. Peluso Jr.

NOTAS & COMENTÁRIOS

EXPOSIÇÃO DE MARTINHO DE HARO



Fotografia batida por ocasião da inauguração da mostra do pintor Catarinense Martinho de Haro

"O que importa em arte não é a quantidade, mas sim a qualidade!" é uma frase que a custa de ser repetida já se tornou lugar comum, conselheiresca. Mas nem por isto menos verdadeira. Agora, por exemplo, por ocasião da realização da mostra do pintor Martinho de Haro, é ela que nos vem à mente.

Não sendo destas pessoas que expõem somente por expor, para que estejam sempre no cartaz, trabalhando vagarosa, silenciosamente, o artista sabe o que busca, qual o caminho a seguir. Seus trabalhos são... trabalhados, sem improvisação, feitos com um alto sentido artístico e humano.

Há muito que Martinho de Haro nos prometia uma exposição. E pode-se dizer que apesar da demora — ou por causa da demora — não decepcionou aos que lhe foram olhar os quadros.

Apresentando para menos de cincoenta trabalhos, frutas de anos, eles mostraram claramente o rumo que a arte de Martinho vem tomando, a melhoria progressiva que se tem podido constatar e o eterno espírito de pesquisa que lhe é tão característico.

Paisagens, marinhas, retratos, naturezas mortas, tudo feito com aquele capricho e carinho que lhe é inato. Foi, por sem dúvida, esta exposição, o acontecimento artístico talvez de mais importância até esta data do ano, em Florianópolis.

Martinho de Haro, prêmio de viagem ao estrangeiro, conseguido no salão de 1937, tendo em Paris estudado com artistas do quilate de Othon Friesz, é sem favor algum o melhor artista plástico de Santa Catarina. E esta exposição só veio confirmar esta nossa afirmação.

Dos trabalhos apresentados, todos de inegável valor, ha que destacar os retratos e as marinhas, onde a arte de Martinho de Haro se mostra mais vigorosa e onde o artista é mais senhor de sua técnica.

EDIÇÕES E CADERNOS "SUL"

Continuando com seu programa, as "Edições "SUL" acabam de lançar "A Ponte", coletânea de trabalhos em prosa e verso deixados por Antônio Paladino, um dos melhores elementos da turma, falecido com 25 anos incompletos. O volume traz uma introdução de Salim Miguel, um poema de Eglê Malheiros, desenho de Antônio Paladino pelo escultor Moacir Fernandes e desenho de capa de Hugo Mund Jr. "A Ponte", onde se publica grande parte dos trabalhos deixados por Toninho, esta sendo bem recebido pelo público e crítica.

Ainda para este ano os "Cadernos "SUL" lançarão "Terra Fraca", poemas de Anibal Nunes Pires e "Manhã", poemas de Eglê Malheiros, sendo que logo para o princípio do próximo ano deverão aparecer "Piá", volume de contos de Guido Wilmar Saschi e "Contistas Novos de Santa Catarina", coletânea contendo colaboração dos novos ficcionistas catarinenses e que contará com ilustrações de artistas plásticos de Santa Catarina.

E assim, os Cadernos e "Edições SUL" que já lançaram respectivamente "Idade 21", poemas de Walmor Cardoso da Silva, "Velhice e outros contos", de Salim Miguel, "A Ponte — prosa e verso" de Antônio Paladino, prosseguem em seu desiderato que é o de divulgação dos novos autores catarinenses.

BREVES PALAVRAS SÔBRE GOMES LEAL

Por Octávio Rodrigues de Campos

As comemorações centenárias do nascimento de GOMES LEAL, nado e criado em Lisboa, não tiveram o brilho que o gênio poético do autor das *Claridades do Sul* merecia.

Nem, por isso, ficou a memória do Poeta menos enaltecida posto que houvesse quem acintosamente procurasse tirar da sua pretensa "conversão" ao Catolicismo efeitos oratórios na conferência proferida, não falando já naqueles outros escritores que não tendo mais que recordar vieram explorar o sentimentalismo doentio lusiada com a evocação dos últimos momentos da vida de GOMES LEAL.

O lírico autor da *História de Jesus contada às criancinhas* foi no fundo um magistral satírico. É, quanto a mim, nesta faceta que o seu astro mais conseguia brilhar. Com efeito, o autor do *Anti-Cristo*, do *Hereje* e de tantas outras produções poéticas, consagrado pelo lápis de Bordalo no *Album de Glórias*, foi, pode dizer-se, um espírito revolucionário. Para melhor o compreendermos, temos de o situar na época e no meio lisboetas que viveu. Muitos dos seus pretensos escritos "revolucionários" viviam o "momento" que a Lisboa do seu tempo oferecia a si e a quantos então nela habitavam.

O autor de *A Mulher de Luto* — obra de natureza espírita, corolário de uma visita que o Poeta fizera a Madrid —, conheceu a fortuna e a glória. Rico, graças à herança deixada por seus Pais, ele vestia-se como verdadeiro dandi e era vê-lo, flor na *boutonnière*, à conquista de cocotes... Era este o seu lado humano porque GOMES LEAL — português de lei — não deixava de consagrar a Vênus como aqueles de que Camões nos fala no Canto X de *Os Lusíadas*. Por fim, esbanjada que foi a fortuna, GOMES LEAL sofreu todas as misérias, mas BATALHA REIS e MARIA O'NEILL — dois corações de

oiro — souberam, na medida das suas possibilidades, ampará-lo até ao último momento de sua vida.

Possuo algumas cartas inéditas de GOMES LEAL e bem assim uma fotografia autografada, independentemente de algumas das suas obras mais raras. Destes elementos que possuo e do estudo que, em silêncio, tenho feito julgo que é com alguma autoridade, ou conhecimento de causa, que posso afirmar que ele foi um dos grandes poetas satíricos destes últimos tempos.

GOMES LEAL esteve presente entre os da minha geração que se associaram à homenagem do centenário do seu nascimento — prova evidente de que a sua obra não se limitou ao seu tempo e o projectou pelos tempos fora.

Alegremo-nos, pois, por saber que há ainda quem admire e aprecie os Poetas do temperamento de GOMES LEAL apesar dos conturbados momentos que a Humanidade vive — o que torna o facto mais significativo...

TEMPORADA ARTÍSTICA DE ROSARIO (ARGENTINA)

Nélida Aurora Oviedo

Rosário, la segunda ciudad de la República, donde desde El Círculo, desfilan anualmente las figuras más destacadas en el arte universal, ya sea en "ballet", pianistas, o violinistas o cantantes, ha entrado de lleno a un resurgimiento artístico en sus propias fuentes.

Así vemos surgir varias compañías de teatros, entre ellos "EL HOMBRE", de reciente creación, que en breve llevará a escena "Un día de octubre" de Kaiser.

El gran teatro El Círculo, año destinado a las grandes compañías metropolitanas, hoy a abierto sus puertas a las jóvenes compañías que surgen en la ciudad.

Esteban Pavón, el prestigioso director de "Teatro de Arte", que deste hace un tiempo viene dirigiendo y ofreciendo con notable éxito, obras de alta jerarquía, ha sido el ganador del premio del Gobierno de la Provincia en 1951.

En "Teatro de arte", se vienen representando obras de autores nacionales y extranjeros, habiendo sido su última representación en 1951. "Muertos sin sepultura" de Sartre. Actualmente se representa "Una torre en el gallinero", pieza del autor italiano Victorio Calvino, premiada en Italia y traducida por M. de Noro.

Beatriz Vilamajó, otra joven actriz y directora, también premiada en 1951, llevó a escena una pieza de un novel autor rosarino, Julio Baron, "Travesía y adorable", inspirado en un tema de J. Boyer.

El teatro "Las cuatro tablas", está representando las obras póstumas de García Lorca, de la serie. Los títulos de cachiporra", que se intitulan: "La doncella, el marinero y el estudiante". "Quimera", y El paseo de Buster Keaton".

"Las dos carátulas" que dirige el autor Guillermo Murray, se presentará en breve con una pieza de su director: "Círculo de los fracasados".

Erika de Boero, otra joven actriz y directora de conocida labor radial y teatral.

Erika de Boero, ha tomado a su responsabilidad la notable empresa de dar a conocer a los autores noveles, alternando con obras de alta jerarquía, como la que está representando actualmente, "La malquerida", de Benavente.

A PONTE

ITALINO PERUFFO

Acaba de ser entregue ao público catarinense uma pequena obra literária de indiscutível valor. Surgiu ela de um esforço, sob todos os pontos de vista elogiável, dos rapazes da revista SUL, de Florianópolis, os quais já tanto têm feito pelas letras do Estado. Poucos talvez tenham ouvido falar de um moço talentoso, que a morte não-lo roubou aos vinte e cinco anos de idade. Fazia êle parte das tertúlias literárias da capital, de cujas reuniões nasceu o Círculo de Arte Moderna e, posteriormente, as Edições Sul. Antônio Paladino — mais conhecido nos meios artísticos como "Toninho" — durante a sua curta vida, no meio às desilusões naturais, provindas da doença que o desassossegava, escreveu como poucos, e sempre com os olhos voltados para os problemas filosóficos da existência. Sabia êle que não estava dizendo nenhuma novidade, mas tinha certeza que as coisas mais comensinhas do cotidiano comumente passam despercebidas às nossas atenções. Não construiu uma obra de fôlego, nem sequer pensou que um dia os seus trabalhos viessem ser colecionados pelos amigos e apreciados pelo público. Êle não se havia ainda bem definido sobre qual dos gêneros literários sua natureza mais pendia. Escreveu um pouco de tudo, deixando ver suas tentativas nos diversos campos da arte. Deixou poemas — que são verdadeiras jóias sentimentais — contos, crônicas e cartas a amigos. Fêz tudo apressadamente, porque — como êle se confessa nas entrelinhas — via que a vida lhe era curta e que aos poucos ia-se sumindo para o desconhecido. Porisso, os seus trabalhos são impregnados de sabor pessimista, do sabor tão lógico e tão natural para quem, aos vinte anos, já sentia que a morte se aproximava. O livro — que traz como título "A Ponte" e que encerra essa coletânea de escritos — além de ser uma espécie de mensagem aos que se queixam da vida, é uma demonstração da superioridade sentimental e do conformismo de que é capaz um espirito são num corpo doentio. A gente o lê com a alma à flôr da sensibilidade, porque em cada palavra, em cada frase, se sente o tom realista das idéias de quem pensa, e também a grandeza de uma inteligência que soube, antes de tudo em frente ao destino implacável, manter-se na sua absoluta inflexibilidade espiritual. Nem mesmo — conforme esclarece a nota introdutiva — nos seus últimos momentos, face ao inexorável, quis ceder. Disse que não transigiria e que morreria como sempre havia vivido. Era a sinceridade consigo mesmo, o pensamento conforme a consciência que tinha formado.

Ler "A Ponte" não significa apenas apreciar um dom artístico ou conhecer o valor de um escritor que Santa Catarina perdeu. E' sentir no próprio íntimo todo o drama de uma existência marcada pelo irrecorrível, e o desabafo de uma alma que vivia intensamente, absorvendo todos os minutos que passvaam, porque êles não se haveriam de repetir por muito tempo. Antônio Paladino conheceu bem a condição humana, e soube transportar êsse sentimento para o papel com rara felicidade. Para isso, guiou-se pelos filósofos e sempre encarou o mundo como o nada a repetir-se em todos os instantes da vida.

As Edições Sul, reunindo êsses escritos, muitos dos quais sem a ultima pincelada do autor, quis prestar uma homenagem póstuma

ao amigo e, ao mesmo tempo, alegrar sua família. Mas, fez muito mais. O mérito editorial não fica apenas nisso. "A Ponte" constitui um livro de estudo, pois além do senso profundo com que o autor mostra a maneira filosófica de como se deve interpretar as coisas, é ainda uma grande contribuição às letras catarinenses e — por quê não dizê-lo? — às letras nacionais. Pelo menos, fica constatado que "Toninho" era uma grande promessa: foi uma pena que disse muito, escrevendo pouco.

(A Nação, de Blumenau, de 23/8/52).

"VELHICE E OUTROS CONTOS" E A CRÍTICA

"O livro da quinzena"

Velhice e outros contos

Numa edição da Revista Sul que assim entra pelo campo editorial, o jornalista catarinense Salim Miguel lança o seu livro de estréia. Com o escolher exatamente o gênero mais difícil para uma estréia, aquele que se constitui no calcanhar de Aquiles do escritor, demonstra desde logo dedicação constante ao cultivo das letras.

Trata-se de um contista moderno. Moderníssimo. Na concepção, na urdidura psicológica da trama que conduz com urdidura de interesse permanente, nas situações que se alternam e sucedem, tudo em Salim Miguel é material do mais alto arrôjo técnico e estilístico. No conto que abre o volume, "Carnaval, casos de Espiridião", o leitor defronta uma técnica ostensivamente revolucionária no compor e conduzir os personagens, no pintar e alterar os panoramas dentro do qual mesmo as atitudes e personalidades individualizadas formam, num desdobramento de planos espirituais, um complexo coletivo que ora é histerismo convulso, ora é pânico. Força portanto de narrador pontilhando as suas criações. "Alvina, essa minha noiva", o conto seguinte, confirma as qualidades e os modismos particulares do autor, porém oferece oportunidade para aquilatar-se de sua especial expressividade nos diálogos que lhe saem incisivos, fluentes, satisfatórios. Mas é no conjunto "Velhice, um", "Velhice, dois", "Velhice, três" que dá de si um atestado de possibilidades efetivas, compondo um quadro de contornos irrealis, realmente difícil de ser cotejado com outras técnicas da arte do conto, cuidando de temas e de situações bastante capacitados para sugerirem o máximo de atenção. Verdadeiramente são esses contos entrelaçados que formam o ponto alto do livro, a nosso ver, e outorgam ao contista o direito de considerar-se com eles perfeitamente original na sua criação. "Mêdo", "História Banal" e "Jantar em Família" são os contos que completam o volume colaborando para o todo desta obra que traz a marca de um dos livros mais originais na estrutura e na composição que se tem publicado ultimamente. Ainda para aqueles que não sancionem integralmente a velocidade desabusada com que os além-do-marinetismo buscam auto-superar-se continuamente, existe neste livro material suficiente para agradar e sugerir preciosas considerações acerca das tendências do conto brasileiro.

("A RAZÃO" — São Paulo — 2-12-951)

APELO DE GABRIELA MISTRAL, PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA, A TODOS OS INTELLECTUAIS AMERICANOS POR UM CONGRESSO CONTINENTAL DE CULTURA

"A inquietação e a angústia da consciência universal bem como os problemas que afetam o Continente Americano, conclamam os homens e mulheres de boa fé a unir seus esforços no interesse de manter uma convivência baseada na compreensão e na confiança. A responsabilidade humana atinge a todos nós; contudo, cada grupo profissional tem deveres particulares a cumprir e questões a esclarecer em benefício de seus integrantes. Os escritores, cientistas, artistas, os trabalhadores intelectuais em geral, possuem interesses comuns que devem ser examinados e defendidos num debate livre e generoso.

Para discutir problemas que dizem respeito à nossa obra, para combinar meios de fecundo intercâmbio, para desenvolver nossas possibilidades de investigação e criação, buscar pontos de contato que multipliquem o rendimento do nosso esforço, consideramos de grande utilidade uma reunião de homens e mulheres de todas as tendências e credos religiosos, entregues às atividades artísticas e científicas. Estamos seguros de que este contato há de produzir benefícios consideráveis, melhores perspectivas e vantagens de nosso trabalho em favor das melhores causas americanas.

Convencidos da oportunidade e da utilidade da iniciativa que lançamos, dirigimo-nos a quantos na América se dedicam à tarefa intelectual, desejosos de conhecer suas opiniões e critérios sobre nosso propósito. Do conjunto de todas as vantagens e entendimentos virá, por certo, a possibilidade de uma obra melhor e a colaboração mais ativa pelo bem-estar de nossos povos.

Julho de 1952

GABRIELA MISTRAL

OS INTELLECTUAIS BRASILEIROS RESPONDEM AO APELO DE GABRIELA MISTRAL

Nos termos da seguinte convocatória dirigida a todos os homens de cultura de nosso país, intelectuais brasileiros concordaram em dar o seu apoio ao apelo da grande poetisa chilena.

"Os povos da América vêm criando, no decurso da sua História, culturas nacionais que possuem valiosos elementos peculiares e constituem estimável parcela do patrimônio cultural da humanidade.

Consideramos que é dever dos intelectuais do Continente preservar o caracter próprio de nossas culturas e vencer os obstáculos dos que se opoem ao seu livre desenvolvimento, para que possam elas converter-se em legítima expressão dos povos das América.

E' evidente além disso que existe uma lamentavel e injustificavel insuficiência de intercâmbio cultural entre os nossos países e que entre os intelectuais falta quase totalmente o contacto in-

dispensável para a formação de um clima propício ao mútuo conhecimento e amizade.

Estes problemas fundamentais, assim como os de ordem ética e profissional relativos à atividade dos intelectuais, tornam necessária e oportuna a convocação de um Congresso Continental de Cultura no qual se reúnem em fraternal debate, escritores, artistas, cientistas, educadores, cineastas, músicos, jornalistas, homens das diversas profissões liberais, técnicos, etc., para estudar tais problemas, propor medidas capazes de solucioná-los e assegurar o florescimento das culturas americanas em benefício de toda a humanidade.

Sugerimos como sede deste Congresso a cidade de Santiago do Chile e a sua realização na segunda quinzena de outubro próximo.

Convidamos a participar dele todos os intelectuais do nosso Continente e pedimos o apoio de nossos povos por ser a cultura fator de paz e progresso.

Menotti del Picchia, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras.

Manoel de Abreu, cientista.

Milton Roberto, Presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil.

Sergio Milliet, poeta e escritor.

Jorge Amado, escritor

Alberto da Veiga Guignard, pintor.

Dulcina Moraes, atriz.

Candido Portinari, pintor.

Procopio Ferreira, ator.

Alberto Cavalcanti, cineasta.

Oscar Niemeyer, arquiteto.

Mozart Camargo Guarnieri, compositor.

Graciliano Ramos, escritor.

*

* *

Também em Santa Catarina escritores, jornalistas, artistas, educadores, cineastas, músicos, homens de diversas profissões liberais e técnicas, etc., todos serão congregados para estudar tais problemas, propor medidas capazes de solucioná-las e assegurar o florescimento das culturas americanas em benefício de toda a humanidade. À época da saída desta revista já deverá estar percorrendo o Estado o apêlo de convocatória e é de se esperar que a êle aponham suas assinaturas todos os homens de boa vontade; de acôrdo com o que está acontecendo não só no Brasil, onde já, em todos os Estados centenas de pessoas tem assinado, mas também no Chile, Argentina, Equador, Colômbia, Haiti, Costa Rica, Gautemala...

"SOMBRAS" — POEMAS — RENATO RIBEIRO — PORTUGAL

Com a edição da sua coletânea de poemas — "SOMBRAS" —, fez a sua estréia o poeta português Renato Ribeiro. É edição do Autor, muito bem cuidada e de apresentação gráfica excelente. A capa e as ilustrações são da lavra de Rogério S. Ribeiro.

Dividido em três partes — POEMAS BRANCOS, POEMA CÚBICO e SEGUNDO POEMA CÚBICO —, o livro se caracteriza pela ótima composição dos seus trabalhos. É obra de um principiante, segundo nos parece, mas não de um inexperiente. A uniformidade dos poemas é bem patente. Não há decaídas súbitas. O Autor mostra a sua perícia em lidar com os versos, sem deslizes nem mancas. Numa obra assim uniforme, em que os poemas se apresentam com as mesmas características — sem serem iguais, contudo — é difícil dizer qual deles nos agradou mais. Para a nossa sensibilidade, entretanto, escolhemos "Aquele palhaço triste". São versos que possuem em si todo o panorama de uma vida. Ser poeta não é só rimar rima com rima, escolher palavras bonitas e versos perfeitos. Ser poeta é muito mais. É ter, assim, como Renato Ribeiro, uma concepção toda especial das coisas, uma percepção muito vasta e profunda, é penetrar no âmago e se estender por toda a superfície.

Renato Ribeiro é assim. É poeta de verdade. Há tudo isso que dissemos naquele poema que principia assim: "Aquele palhaço triste. Que desde Bagdad a New York (note-se que não entendemos por superfície vastidões geográficas, o que seria interpretar erroneamente o nosso modo de pensar), e que assim termina, muito profundamente — "E eu sou ventríloquo sem saber porquê..."

Renato Ribeiro tem em preparo mais dois livros — CANÇAS, romance e SONÂMBULOS, contos. Embora tenhamos grande curiosidade em conhecer esses trabalhos, custa-nos admitir que ele possa conseguir, na prosa, superar o que fez na poesia. Para nós, Renato Ribeiro está marcado: é POETA.

G. W. S.

VISITAS DE ARTISTAS GAÚCHOS

Agosto foi um mês propício para nós que vivemos ilhados: primeiro a visita dos arquitetos Demétrio Ribeiro e Edwaldo Paiva, e, em seguida, do pintor Carlos Sliar.

Nos deram eles como que uma injeção de estímulo e através deles sentimos mais diretamente o que se faz no resto do mundo.

Os arquitetos Demétrio Ribeiro e Edwaldo Paiva estiveram em Florianópolis em função do Plano Diretor da Cidade, que estão traçando. Demétrio chegou recentemente da França, tinha um mundo de coisas para contar e discutir: neo-retalismo em arquitetura, a decoração, a obra de Lurçat em Saint-Denis, a exposição de Fougereon e a atual literatura portuguesa que ele descobriu em vigaem e à qual dispensa a mesma admiração e simpatia que nós dispensamos. Paiva estava afônico, se reservou para umas observações rápidas e justas.

Carlos Sliar esteve aqui uma tarde, que se passou num bate-papo contínuo. Entusiasmado, e com razão, com o movimento artístico e cultural que se processa no Rio Grande do Sul ele tinha mui-

to que nos contar. Estavam recentes os acontecimentos de Rio Grande e Santa Maria, Scliar que os acompanhara com o interesse próprio do artista que vive a vida de seu povo, nos relatou muita coisa, cheio de vibração pelo heroísmo da gente gaúcha.

A noite fomos com Carlos Scliar visitar o pintor Martinho de Haro. Esperamos até que Martinho voltasse do cinema; pudemos então ver a exposição que o Scliar levava para o Rio — cerca de sessenta gravuras dos Clubes de Gravura de Porto Alegre e Bagé. A exposição, sem dúvida muito boa, plena de sinceridade e vigor, percorrerá vários países da Europa.

Martinho apreciou grandemente as peças e se dispôs, êle também, a fazer linóleo-gravura, o que é para nós uma grata notícia, pois permitirá uma maior aproximação dele como público. Scliar, como todos os artistas de vltra que tivemos oportunidade de ouvir, só teve palavras de incentivo e estímulo para Martinho de Haro, considerando-o uma afirmação no cenário das artes plásticas brasileiras, só necessitando, para sua plena realização mais apóio e o necessário intercâmbio como os meios artísticos nacionais.

Tivemos pois, num mesmo mês, por duas vèzes, aquilo que tanta falta nos faz: arejamento, gente entusiasta e cheia de certeza, a nos dar estímulo para prosseguir. Estímulo que nos vem, não só da certeza de que em todo mundo os intelectuais e artistas trabalham e lutam no sentido de realizar alguma coisa e em prol do melhor entendimento entre os homens, como também pela simpatia com que consideram e valorizam o que fazemos.

E. M.

"A PORTA FECHADA"

Contos de Rogério de Freitas

Creemos que a literatura portuguesa atravessa uma de suas boas fases. Autores, para nos referimos apenas aos novos, como um Carlos de Oliveira, um Fernando Namora e outros, já bastam para atestar do valor de uma geração. Mas existem muitos mais e não é nosso propósito aqui dar nem sequer um apanhado geral deles. Queremos somente mostrar que o florescimento de uma literatura, às vèzes, independe de certas condições vigentes e não lá muito favoráveis. São assim como uma espécie de reação (benéfica) ao meio. E sempre novos nomes vão surgindo. Quase todos integrados na corrente neo-realista. Quase todos apresentando, de uma forma artística, esteticamente melhor ou pior, problemas atinentes ao meio e às condições sociais.

Ainda agora acabamos de receber um bom livro de contos "A Porta Fechada", de Rogério Freitas. Realizações ARTIS Limitada, Lisboa, 1952. O A. sabe como construir suas histórias, de uma maneira simples e humana, procurando seus personagens por entre a fileira interminável dos deserdados da sorte. E se algo nele nos desagrada, é, "a porta fechada". De um pessimismo amargo, Rogério de Freitas não abre uma senda de esperança para aquelas vidas, toma-as, olha-as com um olhar melancólico e pleno de simpatia, mas, contraditoriamente, esta simpatia não acaba por conduzir a coisa alguma. Uma espécie de bêco sem saída. Ou não, melhor; conduz: acaba por recomendar aos seus personagens um suicídio coletivo. Simbólico é o conto "O Vagabundo", que conclui da seguinte maneira:

ra: — “Fui eu... fui eu que o salvei... — e ficou à espera, olhando-o”. “Durante segundos, fitaram-se assim, olhos nos olhos, num silêncio que parecia interminável, até que, no homem, o sorriso de escárnio pareceu rasgar-se mais, e, num repelão raivoso, escarrou com força, em cheio, no rosto do outro”.

Poderão me retrucar que o personagem não via saída e que o marinheiro se atirando água para o salvar, em nada o auxiliou, pois que a situação perduraria a mesma e iria culminar em nova e sempre nova tentativa até o sucesso final. Mas eis aí, a nosos ver, o ponto mais fraco, a parte mais frágil dos contos. Somos, intransigentemente, contra a literatura de teses, ou então a literatura, mais deestável ainda, de finalidade moralizadora, onde, ao se concluir, o bem é compensado, e castigado o mal. Porém, esta literatura como a que fez em seu livro Rogério de Freitas não será também uma literatura de tese? Sim, porque, no final, fica implícita a tese de que nada resolve, tudo é inútil e, ao homem, só resta o suicídio em massa. Da “porta fechada” só há uma saída. E aí está a tese. Repetimos: se não evremos, absolutamente, em literatura desinteressada, em arte pela arte, mas sabemos que toda ela está, deve estar, ligada aos homens e à vida, ao meio social, achamos que é também finalidade dela (da arte), procurar — nunca se esquecendo de que primeiro de tudo está fazendo arte — participar, dizer alguma coisa, porque, “a verdade é que, nos tempos que correm, já se não pode compreender que a alguém pegue em uma pena, senão tiver alguma coisa para dizer” (apud “A Vida de Lima Barreto”, de Francisco de Assis Barbosa, pag. 243), conforme Silva Ramos diz a respeito de Lima Barreto. E se isto era verdade em 1919, muito mais o é hoje. E quer queiramos quer não, a nossa época é de definições. Rogério de Freitas, com o seu volume, onde mostra uma real vocação de ficcionista, se por um lado tomou o caminho melhor, procurando seu elemento de arte entre a população desamparada e desiludida, se tem o que dizer, por outro falhou quando não deixa sequer um vão na sua “porta fechada”. A não ser, frisamos, o do suicídio. Que implícita ou explicitamente aparece em todos os contos, numa constância de pesadelo, de idéia fixa. Não nos deixemos porém levar pelo desespero, nós outros que vemos em Rogério de Freitas uma das figuras mais interessantes de contistas novos portugueses. Por contraditório que pareça seu caminho é o bom. Ele já é um artista consciencioso, que sabe que seu instrumento é a palavra, que a manjea com carinho e que, mais cedo ou mais tarde, acreditamos, achará uma abertura, para todos, para os outros e para si mesmo, na sua porta.

S. M.

“OS CADERNOS DE CULTURA”

O Dr. José Simeão Leal que já nos havia dado uma boa prova de seu interesse em realizar alguma coisa em prol da cultura e divulgação das obras, nomes e coisas do Brasil, com a revista “CULTURA”, sem dúvida uma das poucas revistas realmente de importância que tivemos, agora, depois que a referida revista foi interrompida, por motivos que não sabemos, o Diretor do Serviço de Documentação nos dá mais uma prova desse seu interesse, com “Os Cadernos de Cultura”. São pequenos volumes de muito boa apresentação e onde trabalhos do mais diversos gêneros e sumamente heterogeneos (qua-

litativamente falando), são divulgados. Já apareceu quase uma trintena — e outros tantos estão programados — tudo para o corrente ano. São os seguintes os aparecidos até agora, que recebemos: "José Lins do Rêgo", por Alvaro Lins, Carpeaux e Trompson, "Escola de Tradutores", por Paulo Ronai, "Viola de Bo'iso", de Carlos Drummond de Andrade, "Arquitetura Brasileira", de Lucio Costa, "Considerações sobre Arte Contemporânea", de Lucio Costa, "Forma e Enressão do Soneto", de Paulo Mendes Campos, "Formação do Advogdao", de Djácir Menezes, "Teatro de Marionetes", de H. von Kleist, "Monte Cristo ou da vingança", de Antônio Cândido, "Música e tempo", de Luis Cosme, "Miró", de João Cabral de Melo, "Significação do Far-West", de Octavio de Faria, "Roteiro da Arte", de Santa Rosa, "Teatro de Cervantes", de José Carlos Lisboa, "José de Alencar", de Gilberto Freire, "Alguns Contos", de Clarice Lispector, "Panorama da pintura moderna", de Mario Pedrosa, "Introdução à experiência estética", de Rosário Fusco, "Realidade e ficção", de Carlos Dante de Moraes, "O sensualismo alimentar", de Dante Costa, "Lição de Mário de Andrade", de Lêdo Ivo, "O romancista e o ventríloquo", de Eugenio Gomes, "Homens, seres e coisas", de José Lins do Rêgo, "De várias províncias", de Octavio Tarquinio de Souza, "Cinquenta anos de literatura", de Lucia Miguel Pereira, "A imprensa no período colonial", de Alexandre Passos, e "Explorações no tempo", de Cyro dos Anjos, o último volume recebido. Lógicamente entre tantos volumes há alguns que não nos agradam e fastidioso seria nos alongarmos aqui a respeito. Mas estes são, confessamos, em menor número e de maneira algum adimiuem o valor do trabalho de Simeão Leal. Numa terra onde tão pouco se faz pelas coisas do espírito, onde é cada vez maior o desprezo e o abandono a que são relegados certos problemas e onde a educação e cultura é relegada a um plano secundaríssimo, só temos que louvar o idealizador da presente coletânea, que vem divulgar e pôr a oalcance de muitos alguns trabalhos de real valor. E também esperemos que, à par de uma seleção mais cuidada, para o futuro, seja seguido um outro critério, pois a nosso ver a presente coleção poderia, além de como está fazendo, divulgar nomes de escritores famosos, e editar apenas gente que já possui editor, a par destes, dizíamos, poderia proporcionar certas facilidades aos escritores provincianos que difficilmente ou nunca conseguem ver impressos seus livros. Seria valorizar ainda mais o trabalho de Simeão Leal e dar oportunidade a não sabemos quantos talentos reais que vivem isolados e impossibilitados de aparecer.

"PEQUENA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA DA LITERATURA BRASILEIRA"

É também do Serviço de Documentação (Ministério de Educação e Saúde), dirigido por José Simeão Leal, que está nos dando "Os Cadernos de Cultura", que acaba de sair esta "Pequena Bibliografia Crítica da Literatura", de autoria de Otto Maria Carpeaux. O Sr. Carpeaux, desde que chegou ao Brasil, e lá se vão alguns anos, tem se dedicado, estudado profundamente, dado o melhor de seus esforços à literatura brasileira. Se algumas vezes nos é impossível concordar com ele, cá da nossa humildade provinciana, se algumas vezes certas análises de diversos autores mostram-no ainda um tanto indeciso — será esta a palavra exata? — não podemos, por outro

lado, lhe negar a nossa simpatia, pelo interesse que tem dedicado às letras brasileiras, interesse e carinho sem dúvida grandes, bem como pelo que com ele veio de conhecimento, de análise e experimentação no terreno das letras. Tanto em seus dois livros, "A Cinza do Purgatório" e "Origens e Fins", como no número infinito de estudos e artigos em quase todos os jornais e revistas do Brasil, há, por sem dúvida, trabalhos de fôlego e fundamentais para a compreensão de determinados autores brasileiros e suas filiações — embora, às vezes, nos desagrade um tanto quanto o tom semi-doutoral que o autor toma, assim de quem fala para alunos primários, aquela avalanche de erudição desabando de uma forma um pouco confusa por sobre nossas pobres cabeças. O Sr. Carpeaux lê, por exemplo, um artigo em uma revista da Iugoslávia, a respeito de um autor da Itália, que escreveu em torno de problemas da Índia. Pois bem, daqui do Brasil, o Sr. Carpeaux responde, se põe a tecer considerações sobre considerações. Ou então começa por falar de um autor nacional, ou de uma pobre revista da província; depois das primeiras linhas como que se esquece do que estava dizendo, para partir em direção a outros pontos inteiramente alheios ao tema. As vezes, torna a se lembrar lá para o fim e ei-lo que volta. Porém na maioria dos casos tal não se dá. E então nos fica a vaga sensação de que aquilo é um espécie de obrigação do Sr. Carpeaux, que é com enfado que ele, entre um bocejo e outro, diz aquela meia dúzia de palavras sobre tal publicação ou autor que não lhe merece a atenção. E para não perder o tempo nem tomar o dos leitores, mas como tinha a "obrigação" de dizer, aproveita e encaixa coisas de maior importância. Daí então há ocasiões em que nos apetece gritar-lhe cá do nosso cantinho: "— Sr. Carpeaux, tende piedade de nós! Descei um pouco e vinde até à nossa humilde morada, para nos dar um auxílio; mandai-nos as luzes de vosso vasto saber".

Mas eis que nos deixamos levar, quando nossa intensão era consignar o interesse nosso por esta "Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira". Que a nosso ver melhormente se deveria chamar "Bibliografia da Literatura Brasileira". Por que o "pequena"? Por que o "crítica"?

Qual a impressão que nos causou? Difícil dizer. Poderíamos, em conversa, e isto já frisamos não faz muito ao amigo Pedro Taubois, discordar de muito, achar certas falhas, apontar omissões, deficiências, e com um estudo aprofundado e exaustivo do volume concluir pela rejeição de muitos pontos; bem como achar que a denominação "pequena" é modestia do autor, e com a de "crítica" não concordar. Pois compreendemos no caso, a palavra "crítica" sob um outro aspecto. Mais amplo, mais de complementação; abrangendo uma série enorme de fatores que ali apenas são esboçados. Não nos parece, portanto, muito exata esta simplificação que o autor adoptou. O resumo, quando em obra de tal vulto e com tais características, não só dificulta, como torna pouco objetiva e precisa a obra. Abramós, por exemplo, o livro em qualquer pág. Aí está: pág. 158, e lá vem: "Quanto à consumada arte do verso e à profundidade da emoção de Raimundo Corrêa não há discussão; surgiram dúvidas porém quanto à sua originalidade". E é tudo. Não nos parece possível liquidar um assunto literário — aceitando-se ou não determinando autor — com tal simplicidade. E, a nosso ver, meio termo, tirar média em literatura, não vale. É o que procura fazer às vezes o autor. Procura a opinião geral, faz um balanço, vê os prós e contras, para tirar a média. O que convenhamos, nada diz.

De alguns autores não dá toda a obra e a explicação apresentada para tal não nos convence muito (Ribeiro Couto, Menotti del Picchim, Cecília, etc.); de outros, importantes, nem fala e dá como desculpa a falta de "bastante" material bibliográfico (Anibal Machado, Dante Milano, Mário Mota, entre outros). Entre as antologias seria interessante destacar a não inclusão da de Goston Figueira, "Poesia Brasileira Contemporânea" (1915 — 1946), crítica y Antologia — uruguay, 1947. porém, é preciso não esquecer que a obra do Sr. Carpeaux representa uma tentativa, quase única no gênero, entre nós. O que o autor bem explica no prefácio. E imaginamos as dificuldades com que deve ter lutado: falta de fontes de consulta, falta de informações, de material, períodos enormes sem quase absolutamente nada onde se documentar, onde recolher os dados principais para uma obra de tal gênero. Sem encontrar onde se apoiar; sem encontrar dados comparativos, em tudo quase tendo que abrir caminho, fazer o trabalho mais difícil e exaustivo que é o do desbravador. E daí então só nos resta, mesmo com todas as restrições que necessariamente serão e deverão ser feitas mais para ajudar o autor, para lhe proporcionar novos dados do que como crítica propriamente — só nos resta dizer que avulta o trabalho do Sr. Carpeaux. E não apenas por pioneirismo. Mas pelo interesse real que tem como obra de consulta, como trabalho de pesquisa, feito com aquele sentido construtivo que lhe caracteriza quase todo o trabalho literário.

De agora em diante, estamos certos, será uma obra indispensável aos estudiosos, a todos que se interessam pela cultura brasileira. Pois erros menores, como, por exemplo, o da data do nascimento do escritor Marques Rebelo ou ainda a não consignação da primeira edição, em folhetins, das "Memórias de um Sargento de Milícias" (que por sinal e inexplicavelmente estão comemorando um centenário bem despercebido para obra de tamanha importância na literatura brasileira), erros assim insignificantes, não contam. Sabemos que o autor está trabalhando numa segunda edição, a qual virá grandemente melhorada e esculpida de muitas das deficiências atuais. Mas mesmo esta já é um empreendimento de vulto e que merece sinceros aplausos. Otto Maria credencia-se assim mais ainda à admiração e simpatia dos escritores e amantes das letras e artes no Brasil, pela contribuição que vem emprestando à cultura do país.

S. M.

1º CONGRESSO NACIONAL DE CINEMA BRASILEIRO

Infelizmente, por falta de apoio, e em consequência, de recursos, não foi possível o envio de uma Delegação de Santa Catarina conforme se esperava, ao Primeiro Congresso Nacional de Cinema Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 28 de setembro p. p. e que congregou a maioria do pessoal interessado em cinema no Brasil. Desde exibidores, produtores, diretores, atores, fotógrafos, operadores, etc., até críticos, crônistas, elementos de Clube de Cinema, participaram do conclave que tinha por finalidade principal traçar os rumos da cinematografia brasileira em termos de indústria e arte, dentro de características eminentemente nacionais. Tanto pela simples leitura do Regimento Interno como do Tomário apresentados, se pode concluir da amplitude do programa e do vulto das

discussões que certamente se terão realizado. Além do apoio dado, em diversos Estados, pela maioria dos nomes mais representativos da cinematografia brasileira em todos os setores, e de personalidades oficiais ou não, concios de importância do mesmo, há ainda que destacar, entre outros, as seguintes personalidades: Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, que proferiu o discurso inaugural de abertura do Congresso; Dr. Café Filho, vice-Presidente da República e que, quanto na câmara, como presidente da secção de "cinema e teatro" tanto batalhou pelo cinema nacional; Dr. Nereu Ramos, presidente da Câmara de Deputados; Diplomata Paschoal Carlos Magno, vereador e incentivador do Teatro do Estudante; etc.

Bastam os três seguintes pontos para dar uma idéia da importância que teve o Congresso: I — Definição de filme brasileiro de curta, média e longa metragem. II — Defesa do cinema brasileiro: a) Economia; b) Cultura; c) Legislação. III — Medidas para o progresso do cinema brasileiro: a) Economia; b) Cultura; c) Legislação.

Os trabalhos de organização do Congresso tiveram a direção de Moacir Fenelon e diversos secretários, sendo que várias campanhas foram desenvolvidas, tanto para uma maior divulgação e amplitude dos trabalhos, como para finanças.

"SUL" já estava pronto para entrar em máquinas quando se finalizou o Congresso, mas para o próximo número da revista prometemos uma reportagem completa de como decorreram os trabalhos, bem como depoimentos de alguns dos Delegados presentes. Para tal já escrevemos ao Rio recomendando ao Alex Viany que não deixasse de nos mandar detalhes completos sobre os trabalhos do Congresso.

RESSURGE O "TECAM"

Após muito tempo de paralização, por circunstâncias várias, o TECAM volta as suas atividades. Reorganizou-se o grupo. Escolheu-se diretoria. E já se trabalha.

Programou-se, para breve, um espetáculo com peças de autores catarinenses. Três peças em um ato de três autores novos.

"Um homem sem paisagem", de Ody Flaga, já publicada em "SUL" n. 5 e representada pelo mesmo TECAM em 1947;

"Bêco", de J. P. Silveira de Sousa; um elemento novo e que vem colaborando constantemente nos últimos números da revista;

"Polígamo", de Marcos de Farias, outro jovem que, além desta peça, estreia também neste número da revista com um conto.

Integram o elenco os seguintes elementos: Hélio Rosa, Carlos A. Vieira, Hamilton Alves, Assuero Dias, J. P. Silveira de Sousa, Inésia Machado, Ione Freitas, Nancy Demaria, Milene Lebarbechon e Ernestina Brüggemann. Os cenários serão idealizados por Hélio Rosa. Direção de J. P. Silveira de Sousa e Marcos de Farias.

Planeja-se um gênero de encenação diferente para cada peça, dentro de características próprias, de acordo com o espírito do trabalho e dentro das variadas correntes do teatro moderno.

O espetáculo deverá se realizar por todo o mês de outubro e dado o seu caráter de experimentação, além de que tem por função interessar os novos no teatro e contribuir para um melhor gosto pelo teatro, acreditamos que irá agradar aos que veem no teatro uma finalidade cultural e artística.



Desenho de Martinho de Haro

MEMORIAL DESCRITIVO DA MATERNIDADE DA ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO A MATERNIDADE E INFANCIA DE TUBARÃO.

(Obsv. de carater geral)

Orientação:

Foi estabelecida para as diferentes partes do projeto: Para a hospitalização: em torno de NE; para o bloco cirúrgico o sul. Os quartos ensolados em demasia foram projetados com varandas.

Dividimos a Maternidade em sete partes principais: Hospitalização, Bloco cirúrgico, Administração-Admissão, Consultório externos, Serviços de Cozinha-depósitos, alojamento-lavanderia e finalmente Clausura.

O partido:

Bloco cirúrgico, Administração-Admissão, Consultórios externos, Serviços de Cozinha-depósitos, alojamento-lavanderia e finalmente Clausura.

A hospitalização foi dividida em três partes: hospitalização sadias, hospitalização suspeitas e infectadas. Para cada uma foi previsto um serviço e sala para partes de urgência.

O bloco cirúrgico compreende as salas para cirurgia e anexos, além do Ralos X, Farmácia e Laboratório.

Os alojamentos foram colocados em bloco separado junto à lavanderia (evitar barulho) e morgue.

Para cada parte do partido foi feito minucioso estudo para apurar dimensões mínimas e proximidade dos serviços afetos.

A circulação, quer nas partes, quer no conjunto, obedecem, além do critério de proximidade, a separação entre o tráfego de gestantes, serviço de alimentação, médicos e visitas. Observa-se o caminho da hospitalização (admissão-cirurgia-hospitalização diversas).

Ampla rampa e montas-cargas melhoram as relações entre o pavimento superior e o térreo (hospitalização cirurgia; cópia do pavimento e cozinha, roupa suja e tubo de queda).

A circulação de alimentos no térreo foi estudada com o fito de evitar a passagem pelo hall-vestibulo.

Note-se, a entrada de serviço (para cozinha e depósito) e a garage ligados à rua secundária diretamente.

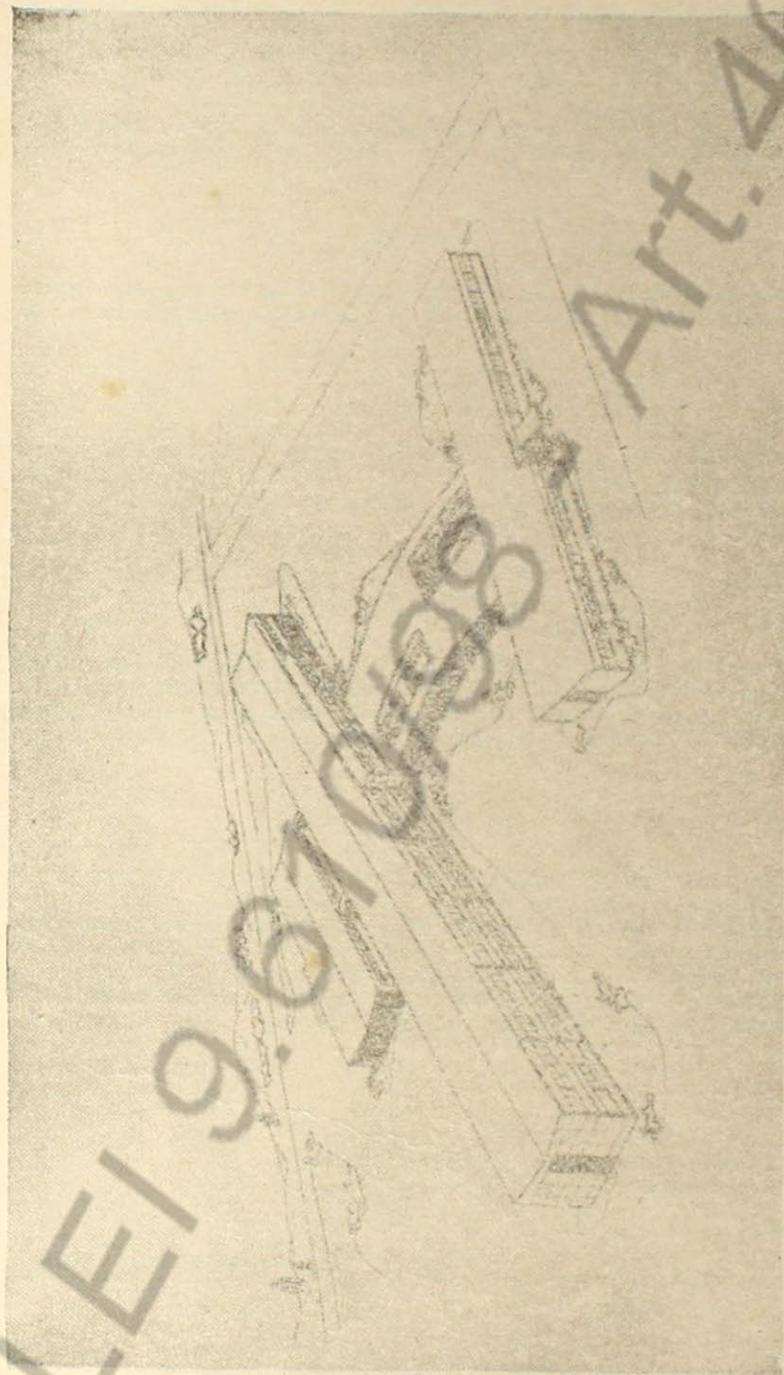
É de observar também, a largura dos corredores com a finalidade de facilitar o carinhamento das macas e o comprimento dos mesmos, próprios para exercícios das gestantes.

A jardinagem e a horticultura foram colocadas em plano secundário neste ante-projeto, em face de o mesmo dizer apenas o que se refere ao funcionamento hospitalar.

Procuramos com amplas janelas permitir às gestantes a agradável visão de um ajardinamento cuidado, ao mesmo tempo que procuramos esconder a vista dos serviços de morgue.

Procuramos aproveitar os compartimentos de forma a utilizar no máximo sua área embora colocássemos portas nunca inferior a 1 m. (salvo peças secundárias) que facilitem a passagem de macas.

Embora aparelhássemos a Maternidade com todo o conforto moderno chegamos a uma área de cerca de 67 m. para cada leito, o que acreditamos ser bastante ra-



Maquete da Maternidade — projeto do Arquitecto Luis E. Santos

zoável. Note-se que para o acréscimo de mais da metade dos leitos, haverá uma diferença para menos, nesta metragem quadrada, uma vez que os serviços cirúrgicos permaneceram praticamente idênticos aos atuais, o mesmo acontecendo com os serviços gerais (satisfazem plenamente a 75 leitos).

Nos quartos como dissemos, foram projetadas amplas janelas e de peitorais baixos, enquanto que nos serviços, janelas amplas e de peitorais altos afim de evitar se tornarem devassadas e permitir a entrada de bastante luz.

A estética:

Foi adotado uma linha simples e agradável. O uso da cor dará alegria ao conjunto, evitando o aspecto frio tão comum em hospitais e casas de saúde.

Os detalhes

No ante-projeto apresentado se procurou facilitar a rede de água e esgoto e se antecipou um esquema de rede elétrica com o fim de baratear a construção. Foi estudado o mínimo de equipamento-médico cirúrgico afim de se prever espaços.

A construção técnica:

Usamos em nosso ante-projeto a estrutura de concerto armado, que em suas linhas gerais foi estabelecido. Foi previsto o uso de esquadrias de madeira com amplos panos de vidro. Foram estabelecidas suas linhas gerais e tipos. Estudou-se o telhado em cobertura de fibro-cimento, prevendo-se seu uso mais economico.

O acabamento construtivo:

Em linhas gerais estão previstos os tipos de pisos e de revestimentos de paredes conforme as necessidades. (Ladrilhos, tacos, marmorites, e azulejos. As cores dominantes do conjunto também foram estudadas (azul cobalto, amarelo-cromo, nas paredes externas; o verde sede nas esquadrias de madeira, o marfim na maloria das paredes internas rosa pálido em alguns exteriores).

Estudadas e localizadas treliças e venezianas nas passagens laterais ao bloco cirúrgico. Como estes, outros detalhes foram estudados.

A área:

A área total desenvolvida: 3.666 metros quadrados.
Área por leito : 67 metros quadrados.

Arquiteto Luis Eduardo Santos

CONTISTA NOVOS DE SANTA CATARINA

— 2 —

— SUL —

Florianópolis, 1952.

IV — Si ãe encontrasse o Zêquinha — Antônio Paladino: O presente conto faz parte do volume "A PONTE" recém distribuído pelas edições "SUL", como seu lançamento n. 2, e onde além de quase tudo que deixou, se publica um trabalho explicativo a respeito d'este nosso companheiro, falecido quando contava 25 anos incompletos (24-8-1925 — 20-5-1950). Contista, poeta, cronistas, Toninho era uma figura característica das novas gerações não só catarinenses, mas brasileiras, dado o seu espirito pesquisador e vivo se destacava ainda não aceitar nada aprioristicamente, mas tudo analisando, observando. Começou muito cedo, frequentando reuniões literárias, debatendo problemas; depois organizou com mais três amigos um jornal datilografado ("Cicuta"); mais tarde dirigiu "A Folha da Juventude" e por último, até a morte, foi secretário de "SUL". O presente conto é típico do modo de ser d'ele.

V — Medo — Marcos de Farias: Mais um novo se inicia nas letras através de "SUL". O presente trabalho é de interesse não só para mostrar mais uma personalidade curiosa, introspectiva, mas ainda porque divulga um novo autor catarinense e assim "SUL" continúa cumprindo sua finalidade de descoberta de novos valores. Marcos de Farias está, juntamente com J. P. preparando um espetáculo teatral com três peças em um ato, sendo que uma das peças é da autoria d'ele mesmo. Assim, além do conto, onde peã presente amostra se pode observar a grande tendência para o gênero, vai também se iniciando no teatro, que é inegavelmente dos gêneros mais difíceis e precários do Brasil. Cremos que quer num gênero quer noutro, bastanee se pode esperar de Marcos.

VI — Saudades do morto — Silveira da Penha: É outro cujo trabalho neste número significa uma auspiciosa estréla para as novas letras catarinenses. O conto d'este jovem mostra, mesmo com as naturais deficiências e imperfeições de um primeiro trabalho publicado, uma real vocação de ficcionista, dos melhores já aparecidos. Um jovem que sabe lidar com as palavras, que sabe escolher os melhores vocábulos para dar o tom preciso às cenas, que sabe medir o efeito a ser conseguido, que sabe construir e mostrar os tipos, que coisas que nem parecem de estrepante e que — mais importante de tudo — tem o que dizer. "SUL" se sente feliz pela descoberta de mais êste elemnto.

VII — Busca — J. P. Silveira de Sousa: Muito novo ainda agora, começou bem mais cedo, escrevendo, compondo, paginando e imprimindo ãe mesmo um jornalzinho, "Farrapos". Mais tarde, junto com outros jovens colegas, em especial o desenhista Hugo Mund Jr., passou a publicar "Oasia" — jornal de literatura e arte — ao mesmo tempo que todos ães se iniciavam no teatro, formando o grupo dos "Estudantes de Teatro", tendo levado à cena um espetáculo montando, interpretado e dirigido por ães, com peças, entre outras, de A. Tchecov. E como era lógico, terminaram quase todos colaborando em "SUL". Atualmente, além de estar preparando um novo espetáculo teatral onde apresentará três peças em um ato de autores catarinenses (inclusive uma d'ele), J. P. prepara com Salim Miguel, o volume "Contistas novos de Santa Catarina, com ilustrações de artistas plásticos catarinenses, para a Edições "SUL". O conto que aqui publicamos, a exemplo de outros já apresentados por esta mesma revista, dá bem uma idéia da força e capacidade d'este jovem.

SI ÊLE ENCONTRASSE O ZÊQUINHA...

Antônio Paladino

Que maçada, essa agora! Que maçada! Que jeito é que êle vai dar prá sair da sinuca! O Zêquinha tem cada uma... Esse peste do inferno! Brincadeira besta, essa dêle. Não tem graça nenhuma. Ora! Onde é que se viu um amigo dessa marca? Mas, ora pí-lulas! Então, êle não conhecia o Zêquinha antes? Conhecia muito, sim. Êle sabia que o Zêquinha não era de muita confiança. Êle sabia tudo isso, sim. Sabia mais, até: Aquele dia em que o Zêquinha achou cinqüenta cruzeiros do seu Arruda e não entregou... Aquele outro em que êle caluniou a Dona Rosalinda, dizendo que ela andava de esfrega-esfrega com o seu Chico... Aquele outro que... Aqueie... Sujeito canalha! Contudo, a-pesar-de tôda a falta de escrúpulos do Zêquinha, êle nunca poderia esperar que êle fizesse essa ursada de hoje. Nunca. E o desgraçado fez. E o que é que êle merece, agora? Merece um sóco. Um sóco bem dado por cima dos olhos. E depois de caído no chão, êle merece, ainda, receber umas patadas por cima da cara. E sentir o sangue escorrer pelo nariz. Em borbotões. E êle gemendo. E quasi desmaiado. E o sangue correndo, correndo. Os pés sapateando sempre a cara dêle. E os ossos estalando, quebrando. Depois então, o Zêquinha fica morto. A cidade tôda sabe. O Zêquinha foi assassinado. Assassinado! Os jornais fazem sensacionalismo. O assassino fugiu. Ainda ninguém sabe quem foi. Desconfia-se de alguém. Muita gente diz que é o Zê Tiriva. Êle tem fama de desordeiro. Quando chegou na cidade, ninguém foi com a "fachada" dêle... Parecia, até, bandido de fita de mocinho. Tem uma carranca de meter medo. O Zê Tiriva é preso. Já se afirma até...

Mas... Mas... Mas... Que barulho é êsse? Todo mundo está correndo? O Faustino, aquele homem de preto, aquela mulher... Gente gritando... Aquele alí levou um escorregão. Ralou-se todo. Onde que vai essa gente tôda? Essa algazarra... Até as crianças... Gritos histéricos de algumas mulheres... Será briga? Briga?! Que bom! A arruaça parece ser lá no "Bilhar Estrêla". A gente tôda se acercou do bilhar. E Joãozinho... O que é que Joãozinho está fazendo alí, pensando? Está sôzinho. Que diabo! Sujeito trouxe: perdendo uma briga dessas. Vamos correr, minha gente. Vamos correr. A briga está do arromba. Cada vez chega mais gente lá. O seu Quintício ralha com os filhos. A Dona Rosalinda já vem de volta tôda afobada. A Rosália deu um desmaio. O seu Américo gesticula feito um macaco. Parece que jogaram pó de micó em cima dêle. Se baba todo. E aquele velho barrigudo, alí pertinho... Que é que êle diz?

— Foi uma facada, seu Arruda! Foi uma facada. Esfaquearam

o...

Uma facada?! Eta, minha gente! A coisa está boa. Vamos correr mais ligeiro. Mataram um homem. Que bom pr'aqueles que nunca viram ninguém assassinado! Que bom! E Joãozinho nunca viu. Nunca. Que bom! Vai ver sangue espalhado no chão. E o corpo do morto todo esfaqueado... E ver como é que os olhos dêle ficam. Será que êles ficam esbugalhados, "raivosos", como os daquele morto do conto do X-9? É uma beleza! Depois êle vai contar em casa prá tôda a família. A Rutinha vai ficar com uma inveja danada. Perder uma morte dessas... A mamãe vai fazer muitas perguntas prá êle. "Coitado! Coitado! — ela vai dizer depois — Que coisa monstruosa, meu Deus. Tão moço e já..." E o papai... Bem, o papai não vai fazer pergunta nenhuma. Mas que êle vai gostar de ouvir, vai. Ora se vai! Êle finge... Mas... Olha quem está alí encostado no postê... É o Oswaldo. O Oswaldo não está correndo como as outras pessôas. Por que será? Oba! e essa agora! O seu Leocádio deu um peteleco no Zé Carlos. O Zé Carlos está chorando. Também, prá que é que êle foi mexer com o seu Leocádio? É bem feito. Essa rapaziada daqui tem o costume de mexer com gente bebada. É bem feito! Bem...

— Ei Joãozinho!... Jo-ão-zi-i-i-nho! Ei! Vem cá!

— Que é que há, Oswaldo? Tás aí parado! Não vais ver o homem morto?

— Ora! Isso é bobagem, rapaz. Prá que é que eu vou ver gente morta? Prá mim, morreu, acabou-se. O diabo que o carregue. Não me interessa.

— Mas é bom, Oswaldo. A gente depois tem o que contar: e eu nunca ví ninguém esfaqueado. Nunca. Quero ver...

— Então vai, rapaz. Tás aí perdendo tempo...

— E tú, não vens?

— Não. Vai qu'eu fico. Tu sabes: eu não tenho sentimentos mórbidos.

— Então, até logo, Oswaldo.

— Até.

Sujeito estranho, êsse Oswaldo! Maníaco, até! Depois que leu, numa das revistas da Capital, aquela reportagem sôbre sentimentos mórbidos, êle nunca mais quis saber de ver gente morta. Diz que não tem sentimentos mórbido. Ora! Essa é boa! Antes êle era sempre o primeiro a correr... A gente vê cada uma! Cada mesmo! Aliás, o Oswaldo... Mas! Eia! Quanta gente, meus Deus! Quanta gente! Todo mundo fala. Todo mundo grita. Ninguém se entende. Foi o Carlito. Não, foi o Zé Tiriva. Que Zé Tiriva, o que? Foi o Arlindo. Mas o Arlindo está na casa dêle: eu ví agora... Então quem foi, seu peste? Quem foi? Quês saber melhor que o Catinga, que saiu de lá de dentro agora? Que Zé Catinga o que? Tás pensando então, qu'eu sou alguma besta prós outros me pregar lorotas; essa

prá mim não pega. Quer dizer, então, qu'eu sou mentiroso? É shu; vais querer me trepar no gogó por causa disso? E por que não? Toma lá, seu peste. Peste o que? Recebe esta por cima dos cornos, seu estupor. Estupor? E tu, seu corno! Corno? Aguenta essa seu cafetina dos diabos. Cafetina? Briga! Briga! O João carroceiro com o bêbado Leocádio. Para com isso, minha gente! Que para com isso o que? Deixa êles brigar. Mas êles são amigos. Sempre foram amigos. Prá que brigar? Olha a polficia! A polficia! Corre, minha gente. Corre. Êles vêm de casse-tête em punho. Cada um grandalhão! Vê só. Corre. Corre.

.....

.... até que enfim a ambulância chegou. Puxa! Demorou um bocado. Si demorasse mais, isso aquí ficava mais apinhado que o Pacaembú. A polficia não dá conta: ela vem... A gente corre. Ela vai... A gente volta outra vez. Mas e o morto... quem é? E o assassino?... Ninguém sabe direito. Ninguém. Ora a gente ouve dizer que é um. Ora ouve dizer que é outro. Até o Zêquinha, coitado, já disseram que era o morto. Mas o Zêquinha... Bem que êle merecia. Seria bem feito si fôsse êle. Bem feito. Ora! Um amigo que faz uma ursada como essa que êle fez... Bem que êle merecia si fôsse êle. Sujeito canalha! Como é que Joãozinho vai sair da sinuca agora? A Rosinha de certo vai mandá-lo plantar batatas. Acabar o namoro com êle... Joãozinho tem até medo de chegar perto dela agora. Ora! O Zêquinha, tão amigo, fazer uma sujeira dessas. Que idéia besta, esta de dizer prá Rosinha que êle — Joãozinho — disse que não gosta dela; que namora com ela só prá se divertir. Só prá passar a mão nas pernas dela. Prá apalpar o corpo dela. Prá beijar os lábios dela. Prá... E o pior de tudo é que Joãozinho disse isso pró Zêquinha, mesmo. Disse sim. Disse tudo. Sujeito burro! Devia ficar calado. Agora, babau. Perdeu a mamata. Não tem mais a Rosinha prá passar o tempo. Acabou-se tudo. Até o estupor do Zêquinha é capaz de namorar a Rosinha, agora. Êle antes tinha um xodôzinho por ela... Êle disse um dia pró Jordelino... Ah! Si o bandido do Zêquinha aparecesse nesse instante... Êle era capaz de dar um sóco por cima da cara dêle. E depois, quando êle caísse... E depois... E... E... Oh! Mas vê! Vê só! Êles estão colocando o corpo do morto na ambulância! O povaréu rodeia a ambulância. A polficia não dá conta. Epa! Aquele lá largou o casse-tête na cabeça "dum". Os outros estão correndo. O Amâncio, que viu o assassinio, vem com a novidade, agora. Lá vem êle. Vem todo garboso. Fica rodeado de gente. Êle fala. Todo mundo grita. Quem é, Amâncio, quem é o morto? E o assassino? É o Benevides? É o Francisco? Ei, Amâncio, fala! Quem é? Ninguém deixa o Amâncio falar direito. O Amâncio fala — que voz fanhosa tem o Amâncio —

quasi não se entende. Êle grita, então: "Foi o Arlindo, minha gente. O Zé Tiriva deu uma facada no Arlindo".

Por que foi? Porque não foi? Quem foi que provocou primeiro? E o Zé Tiriva, fugiu? Não fugiu? Bem qu'eu disse que êle tinha cara de assassino. Ninguém quis acreditar... Agora é tarde; não adianta mais nada. Eu também tinha dito isso antes. Eu também disse. E eu! Até...

— Oh! Olá Joãozinho! Que reboiço é êsse aquí, eim? Diz que mataram um cara. Como foi isso?

— Olá! Olá! Mas tu?! por aquí, Zêquinha? Não viste a coisa, então? Não viste mesmo? Pois olha... Tu devias ter chegado mais cedo. O negócio foi do arromba, rapaz. Foi do arromba. Escuta só...

.....
... o Zêquinha e Joãozinho saem pela rua a passo de malandro. Vão conversando, os dois; Animadamente, alegremente, e caminham felizes, muito amigos, na direção do bar que fica mais próximo...

M É D O

Marcos de Farias

O quarto, escuro. Completamente. Seus olhos arregalados, contemplam a escuridão, quinem cego. Por vêzes, uma réstea de luz percorre o espaço, talvez um reflexo de claridade, ainda existente nas retinas. Insônia. Agitação. Meio que espera alguma coisa... angustiado. Tôda noite a mesma agonia, o mesmo mal-estar...

Certos dias não vem logo. Apaga a lâmpada, calmo. Se distrai. Os pensamentos vêm de mansinho, variados, leves, sutis... quase dorme... Súbito um ruído, como pés-descalços sôbre o assoalho. Se alarma. Arregala os olhos. O coração bate acelerado. Ansiedade. Respiração aos trancos. Ouvidos aguçados. Espera... espera... Outro ruído. Aumenta a agitação. Pressente passos que se aproximam, se afastam. Intermitentes. Tortura. Parece vê-la, só que aos pedaços, d'íssociada. Ora o rosto, ora as mãos, o sorriso, o vulto. Aquêlê vulto fantasma, passeando pelo quarto, como realidade. Se aproxima. Se afasta. Vem de novo, mais perto, mais... vai tocá-lo! se encolhe. Tormento. Senta na cama, ofegando. Acende ou não acende a luz? Não. Sim. "Não! É preciso vencer isso! É bobagem, bobagem. Ela morreu, pronto. Morreu. 6 meses já. Não pôde continuar assim. Desde que voltei essa agonia, essa... Enquanto viajava não sentia nada, tudo normal, tudo..." Tenta se distrair. É preciso. Pensa nos negócios. A repartição... o idiota do chefe. Necessita conquistá-lo. Planeja. Fantasia. É o melhor contador da firma. Todos lhe gostam. O chefe também. Promoção. Aumento... economia... no futuro um escritório "próprio". Sôzinho. Independente. Uma placa na porta, com o nome dêle... Pensamentos gostosos sorridentes, que se sucedem, assim meio rápidos, medrosos duma pausa. No princípio controlados, conduzidos, depois mais livres, já absorto nêles.

Outros ruídos: ratos... sei lá.

*

* *

O quarto escuro. Completamente. Olhos ansiosos. O coração descompassado. Respiração aos trancos. Angústia. Pressentimento. Ouvidos aguçados. Espera. Passos leves. Zumbido de pernilongos. Ouve tudo. Um frio nas canelas. Se encolhe. Uma serra. Enorme. Tem a impressão que vai lhe atorar as pernas. Se encolhe mais ainda. Se apalpa. Já não vê mais serra. A impressão é que perdura. Sente aquêla serra fria, aguda, cortante, se aproximando, num vai-e-vem contínuo, incessante. Não suporta mais. Senta na cama. Segura as pernas, com força, sob os acolchoados. Desespera...

... É a cena vem, repentina, e clara, quem aparição, quase assustando. Foi um filme. O "mocinho" sofre um acidente. Desmala. Vem o médico (é tarado, ninguém sabe). Amputa as pernas do rapaz. Quando êste acorda, e se vê aleijado, desespera, grita, enraivece... Impressionante. Como é o nome da fita, como é?... não se lembra.

Era o dia do entêrro. Todos foram pro cemitério. Menos êle. Se meteu num cinema. Estava enjoado, meio tôlo, meio automático, meio... se meteu num cinema. Era o filme. Saiu antes do fim. Não devia ter ido. Cinema é diversão. Será que não tinha sentimento, será?

Na hora da morte, a mesma coisa. Tôdos chorando, irmãos, primos, amigos, tôdos. Ele não. A espôsa morrendo... beijou-a como quem beija anél de bispo, sem dôr, sem tristeza, quase indiferente. Não compreendia. Gostava tanto dela. Tanto. Devia chorar. Se esforçava. As lágrimas não vinham, nem tristeza. Olhava... olhava... não compreendia. A sogra soluçava baixinho, dolorida. Lacrimou. Não foi de sofrimento, foi o chôro da sogra. Nunca poude ver alguém chorar. Não compreendia.



O quarto, escuro. Completamente. Olhos ansiosos. Coração descompassado. Respiração aos trancos. Ouvidos aguçados. Angústia. Presentimento. Sombras pelo quarto.

... que bom se ela estivesse viva. Não haveria nada. Estariam juntos, abraçados. Aquêle corpinho, macio, quente, gostoso. Deseja. Quase se entrega numa fantasia luxurienta. Não. Está morta. Medo. Vergonha. Remorso. Se entristece de saudade, meio egoísta, meio... nunca mais.

Vultos. Ruidos. Vozes longinquoas. Sombras. Percorrendo, emprenhando a escuridão. Se aperta nas cobertas. A cama se acha num abismo. E aquela negrura de assombração, cai sôbre êle, quem avalanche. Não sente nada. Engraçado. Nem medo, nem agonia, nem... engraçado. A cama está virando. Vai cair água. Lá embaixo. Não é cama, é barco. A correnteza levando... levando... despeñadeiro...

Ansia. Agonia. Desespêro. O grito sai mudo, lá da garganta:
"Não!... Socorro!... Não!..."

SAUDADES DO MORTO

Silveira da Penha

Donde estava, sentadito num dos degraus empoeirados da escadaria que da sala de visitas alcançava o seu quartinho desarrumado, no sótão, Mauricio apreciava a cena toda, silencioso e expectativo. Um certo ar de incompreensão, de temor sem causa definida, anuviava-lhe o rosto, de ossada saliente e desgraciosa. Procurava entender, identificar-se com o alarde todo, os corre-corres que nem mostravam de chegar ao seu final, mas pelo contrário, ameaçavam seriamente vencer a noite próxima e acompanhá-la em seu decorrer.

Aquele fôra um dia diferente dos outros todos. Muiíssimo diferente. Nascera como nascem tôdas as quartas-feiras, no meio da semana, sem a preguiça das segundas, a correria dos sabados e missa dos domingos. Nem alegre, nem tristonho. Normal. Simples. E, por certo, para a maioria das pessoas, morrera como sempre: o sol fugindo, o aparecimento das estrêlas, da lua, o trillar do grilo oculto na grama verde do jardim...

Para Mauricio, no entanto, desde às quatro horas da tarde, acorçado no alto da escada penumbrosa, transformara-se. Fizera-se extraordinário. Notável. Lúgubre talvez. O povaréu tomara conta da casa. Gente chegara, gente saíra. Desconhecidos metiam as caras para dentro da sala, forçavam as feições, penalizados, cochichavam e desapareciam. E outros surgiam, representando a mesmíssima cena, o mesmíssimo proceder. Alguns fungavam e indiscretamente punham-se a revirar os bolsos a procura do lenço, às vezes bem à mostra. Faziam-se notados. Outros apenas descobriam-se e lá estaqueavam reverentes, os braços cruzados ao comprido, a cabeça levemente inclinada para o peito...

E assim o resto da tarde. Somente com a entrada da noite, descanso de Mauricio, rareou o movimento. Carregaram os estranhos com suas presenças, arribando cada cada qual para sua moradia, para o calor contagiante de suas esposas, ótimo lenitivo para a noite fria de junho.

Agora a sala silenciosa. Apenas os passos abafados da minguada parentela e um repetido soluçar feminino alcançavam os ouvidos atentos de Mauricio. Sua tia Amélia chorava o marido. Mas não fingidamente como os demais. Isto não. Notavam-se sinceros os seus soluços. Distintos de quaisquer arremêdos. Mesmo dos mais esforçados. Na garganta estalavam apenas. Partiam mas eram do coração mesmo, do íntimo. Lágrimas espontâneas...

Mauricio extranhou o sentimento maguado da tia. Conforme todos o sabiam e êle melhor ainda, o morto não deixara feitos para tanto. Nada de bom, nada de saudade. Fôra um homenzarrão de qua-

se dois metros, pançudo, balofo, caratonha avermelhada, vagabundo ao extremo. Trabalhara para uma firma exportadora de herva-mate, como carregador e fôra expulso por malandragem. Não mais buscara emprêgo. Largara nas costas arqueadas de D. Amélia o sustento da casa, as contas do armazém, do açougue, da padaria e cursara a vadiagem. À noite residia no botequim na esquina. Arrancava as minguadas economias da espôsa e rodeava a mesa do baralho. Maurício, em casa, resava para que êle perdesse. Se batesse vinte ou trinta cruzeiros era um Deus nos acuda. Caía na cachaa. Enxarcava-se. Chegava a casa cabeceando, furioso. Arrastava o meninote da cama e, sem motivos, sem nada, pregava-lhe boa sova. Assemelhava-se a um louco. Apreciava sovar os mais fracos. E quanto mais batia, mais se animava a continuar batendo. As vezes nem D. Amélia escapava. Mortiça, enrugada, mal arrastando a carcassa, batida pelo lavar da roupa, a boa velha deixava-se maltratar sem um queixume. Saía, cabis-baixa, apalpando os vergões dolorosos e metia-se na cama sem protestar.

Esperava a manhã seguinte, comparando mentalmente a possível renda proveniente da trouxa de roupa a esperá-la na tina esburacada com o *deve* na caderneta do armazém. Esquecia o espancamento que talvez viesse a repetir-se durante a noite seguinte... Apanhava e quando o marido morre, chora. Soluça sentida. Como um caozinho irracional a beijar a botina que o chutou...

Maurício não compreendia o soluçar de D. Amélia. Julgava-o sem razão de ser. Incoerente. Mas gostava da velha tia. Muito mesmo. Desde que, ficando orfão, fôra acolhido naquela casa, fizera ela sempre o possível por tratá-lo como o seria junto de sua mãe. Conservava-o bem aseado e matriculara-o no grupo escolar. Aos domingos escorregava-lhe, quase, sempre, uns cinquenta centavos para as gulozeimas. Duas vezes levava-o ao cinema para assistir aos filmes de mocinho dos quais tanto gostava. Boa velha, boa tia. Apiedava-se dela. De seu labutar impróprio ao avançado dos cabelos brancos. E sempre tão resignada...

Maurício tremia friorento. A camisa de mangas curtas, bastante maltratada, não constituia, de modo algum, suficiente agasalho. E a noite era de inverno. Fria a não mais poder. Gelada. O meninote sentia duros os dedos todos, entorpecidos. Lutava por aquece-los, friccionando-os de encontro a fazenda felpuda da calça curta. Lutava também por afastar de si as investidas constantes de uma sonolência impertinente. Mas não havia jeito. Negavam-se as pálpebras a manterem-se abertas. Faziam-se pesadas, teimosas. Cerravam-se vagarosas... Cochilou. Despertou brusco e baixou o olhar para a saleta iluminada sem exagêro. Ambientou-se. Friccionou com as palmas das mãos os braços descobertos. Observou-os recobertos de bolotinhas minúsculas, engraçadas. Parecia galinha depenada. Como a que o

vizinho matara no domingo anterior. Riu da comparação espontânea. De repente, distinguiu ruídos de passos que se aproximavam e o princípio de um diálogo. Conversavam ali, por perto, encostados à escada talvez. Falavam baixo. Murmúrios quase. O menino interessou-se. Enfiou o nariz por entre os suportes do corrimão e descansou a testa na madeira áspera. Apurou os ouvidos. Reconheceu a voz velada de Aristides Matos, seu padrinho e aumentou-se-lhe o interesse. Apreciava muito o seu padrinho. Quem o visse, da primeira vez, decepcionar-se-ia, certamente, com a insignificância de sua aparência. Não era mais que um homenzinho, magricela, de olhitos piscapisca, escondidos por detrás das lentes grossas dos óculos de tartaruga, faces mirradas e testa ampla. Falava sempre, moderando a voz e a cada cinco palavras punha em ação o sestro interessante de com a palma da mão, ageitar os raros fiapos de cabelo grisalho, empinados no alto do cocoruto. Semelha-va-se a calma personificada. Uma "coisinha atôa", um nada. Na verdade, porém era mais que isto. Muito mais: "o gênio da família", o sábio. Instruira-se. Dizia-se psicólogo vivia folgadoamente. Nascera irmão de D. Amélia e vez por outra honrava com sua presença a casa do cunhado. A este pouco apreciava. Indignava-se ante os maus tratos sofridos pela irmã. Dizia-o abertamente, sem contudo interessar-se demasiado pela necessária providência. Casara-se, escolhendo a esposa no bairro pobre da cidade. Acertara na escolha e não tinha do que se arrepender. Marieta era mulher para todos os momentos. Bons e maus. Pau para toda obra.

— Pois assim é a vida, dizia êle a esposa, ali, sob a escada. Agora aqui, amanhã sabe-se lá aonde! Veja o Ambrósio. Até às quatro horas era ainda o homem de sempre: rude, abrutalhado. Maltrata-va a pobre da Amélia, maltratava o enteado. Uma peste bem viva. Agora, lá está, estendido, os pés juntos, recebendo as atitudes reverentes dos conhecidos e mesmo dos não conhecidos. Não diz nada, não grita, não espanca ninguém. Morte repentina, morte boba. Um ataque cardíaco... um homenzarrão daqueles, sofrendo do coração. Dum órgão que só hoje descobri que êle possuía. Quem o diria! Morte boba...

— Foi um golpe para D. Amélia, opinou por sua vez a esposa.

— Tolice dela. Devia mas era benzer-se. Agradecer ao bom Deus. Pode agora descansar, socegadinha, longe dos berros e das bofetadas. Ademais contará sempre com o meu auxílio. Ajudala-ei e ao sobrinho. Devia benzer-se, repito. Benzer-se mesmo.

Afastaram-se os dois. Maurício viu-os, transpondo a porta estreita em direção da cozinha. Ouviu ainda as suas últimas palavras:

— Ora se aquilo merece lágrimas. Pois sim!

Voltou o silêncio a dominar a saleta. Já não mais soluçava D. Amélia. Na cozinha tilintavam xícaras. Tomava-se o café. Maurício passara a tarde toda sem alimentos. Recordou-se disto, mas não sentiu fome. O estômago nada exigia: talvez recusasse alimentos se os visse.

Ambrósio Cardoso falecera...

Sentiu-se curioso. Parecia-lhe incrível que o tio lá estivesse, estirado no caixão enorme, tantas horas socegado, sem gritar, berrear... Impossível...

Aos poucos descobriu o meninote um desejo intenso de estar lá, bem perto, olhando-o frente a frente, analisando-o atento como sempre o desejara, sem aventurar-se, no entanto, temendo provocar-lhe o gênio violento. Seria interessante fixa-lo rente. Bem interessante... Resolveu-se a descer. Pisou o último degrau da escada e espiou através da porta sem folhas, o corredorzinho escuro que dava para a cozinha. Ninguém. Acercou-se da mesa pobre, no centro da sala, atalhada de fazenda negra e barata. O morto ali estava. Vestido no terno domingueiro, as mãos cruzadas sobre o peito largo, a caratonha esbranquiçada, pálida, sem o rubor peculiar do alcoólico a mancha-la... Ambrósio Cardoso não parecia o mesmo. Na verdade não era o mesmo. Apenas um corpo sem vida, incapaz, sujeito à imobilidade destoante do avantajado de sua corpulência.

A matéria em si, tola, futil...

Maurício examinou-o demorado. Notou-lhe as botinas lustradas, o perfeito vinco das calças, os cabelos um pouco gordurosos, penteados em topete e sorriu quase. Quem haveria de imaginar, quem! O meu tio Ambrósio sempre tão desleixado, largado à justiça, assim todo engomadinho, engravatado, na pinta... Quem haveria de dizer! E ainda por cima imóvel. E' de se crer?

Uma onda de vento frio atravessou a fresta da porta, fazendo dançar as chamas das quatro velas, empinadas nos cunhos da mesa. Um arrepio subito percorreu o corpo do rapazote atemorizando-o um pouco. As sombras das velas, bailando sobre as feições do morto, emprestavam-lhes certo que de expressões lúgubres, fantásticas. Tolamente apoderou-se de Maurício um pressentimento insensato de que aquelas mãos brancas, cruzadas sobre o peito de Ambrósio Cardoso, ameaçavam reviver, bater-lhe, ferrar-se-lhe ao pescoço. Pensou fugir, galgar, aos pulos, a escadaria. Meter-se em baixo das cobertas, enrolar-se nelas e esperar ansioso pela claridade do dia seguinte. Afastou de si o medo. Riu de sua própria tolice. De seu temor irrazoável, cômico. Ridículo, também. Voltou a encarar o morto. Não, êle não lhe poderia fazer nada. Mal nenhum. Já não possuía forças para tanto. Obrigatoriamente permaneceria estirado no ataude negro, sempre mudo, sempre, por completo, paralizado. E as mãos do mesmo modo... mortas como seu dono. Maurício fixava ainda o tio e cada vez menos sentia a sua morte, pelo contrário, regozijava-se. Êle fora o pior dos homens. Uma peste, como bem dissera o seu parvinho Aristides. Não prestava mesmo. Não a perdoaria nunca o mal que lhe dizera. E não pensava assim por recordar-se das sovas, dos maus tratos. Isto não. Mas de outra coisa. Daquela vez em que

ele pretendia obrigá-lo a mendigar. Sim, mendigar. O canalha! Não bastava que ele sofresse bastante, suportando os achaques e as zombarias dos moleques da rua, do povo! Não bastavam os gritos do açougueiro da esquina, toda vez que o avistava: manco! coxo!... Vai pro circo... pra feira!... Não bastava. Quisera ainda comerciar com o defeito ingrato que o fazia o rapazola que era: diferente, arre-dio, atormentado por um complexo humilhante de inferioridade. Pre-tendia miseravelmente tirar partido da desgraça... da sua des-graça... Miserável! cachorro! Num impulso feroz, raivoso, Maurí-cio cuspiu, violento, sobre as faces pálidas do morto. Cuspiu, cuspiu e cuspiu...

Galgou correndo os degraus da escada e atirou-se sobre a cama, vestido como estava. Sempre ouvira dizer que homem não chora, po-rém naquele instante esqueceu tudo. Chorou, chorou, bastante. Des-safogou-se.

Era um aleijado... Um pobre diabo, sempre a fugir dos escár-neos, das zombarias. Nunca seria um homem como os outros todos. Nunca... Sempre a fugir... Recordou-se da sua infância: — Uma queda de cavalo. Tão rápida. Tão súbita. E quantos sofrimentos de- pois... Até aos quatorze anos esperara um milagre. Rezava na igreja, diante da imagem de São Judas Tadeu. Dizia sua mãe que o santo era bom, muito bom mesmo. Ouvia todas as súplicas e não deixava de atendê-las. Orava em casa também, ao pé da cama. Pedia baixinho. Implorava. Beijava uma por uma as cinco medalhas que trazia, pen-duradas ao pescoço. Adormecia esperançoso, crente... Mas... pas-saram-se os anos e descobriu finalmente que era tudo bobagens. O santo nem era bom, nem atendia a coisa alguma. Ficava lá, na igre-já, estaqueado, espreado súplicas vãs. Mesmo por que iria dar-se ao incômodo? Em vida, fora por certo, um homem austero, piedoso e não se julgara com direito às diversões. Agora morto, queria estar socegadinho, descansando. Bastava que sua imagem, lá no nicho florido da igreja, servisse de exemplo aos homens: QUE FIZES-SEM COMO ELE, SOFRESSEM CALADOS SEM INCOMODAR A NINGUEM! Rogos e mais rogos em troca de velas baratas... Pois sim...

Seria sempre um aleijado. Maurício mais chorou. Aos poucos ex-tenuou-se: Amorteceu, Cochilou... Dormiu.

No dia seguinte acompanhou o entérro até ao cemitériozinho da cidade. Localizava-se longe do centro e era todo cercado de altos ce-dros, duas solitárias palmeiras erguiam-se na estrada, ladeando o portão. Maurício agradou-se, agradeu-se do silêncio reverente que se apossava das pessoas logo que transpunham aquele portão. Descob-riam a cabeça e mantinham-se respeitosos, o chapéu seguro entre os dedos.

Assistiu o sepultamento. O caixão baixava à cova e o sacerdote

rezava num livrinho negro. Tia Amélia gritava o desejo de espíar ainda, uma derradeira vez, o marido e o caixão fóra aberto novamente. O morto lá estava, na mesma posição da noite anterior. Maurício julgou vê-lo sorrir por trás das pálpebras veladas. O ataúde foi fechado e o coveiro iniciou o seu trabalho com a pá. A terra caía sôbre o caixão, soando ôco.

Pessoas rezavam. Mais um "padre-nosso" e principiaram a retirada. O tio Aristides amparou a irmã pelo ombro. Levou-a consigo. Dalí a instantes tudo deserto. Apenas o coveiro continuava o seu labor, sovando indiferente a terra revolvida.

Maurício afastou-se e pôs-se a percorrer as ruazinhas calçadas. Analisava os túmulos e decifrava as inscrições: "Aqui jaz Antônio... Nascido em... Falecido em... Descance em paz, junto ao Creador"

"Repousa neste derradeiro leito, Gumercindo de tal... Nascido em... Falecido..."

Caiu o crepúsculo e o rapazola percorria ainda a quietude do cemitério. A brisa noturna imprimia baloiços morosos às folhas das duas palmeiras.

Cantava triste um sabiá, oculto na ramada verde de um dos cedros. Maurício sentou-se a beira de um túmulo baixo e ficou absorvendo a completa paz do ambiente. Enleveu-se. Julgou feliz a perspectiva de repousar ali, um dia, afastado de tudo e de todos. Longe das misérias do mundo. Descansando. Dormindo.

Maurício não conheceu o medo. Os moleques da cidade afastavam-se do cemitério. Temiam fantasmas que, envoltos em alvos lençóis, punham-se a assustar as criaturas ou os esqueletos ambulantes, caminhando por entre as selputuras e chocoalhando funebremente a ossada. Mas Maurício não se amedrontava. Não havia fantasmas e muito menos esqueletos ambulantes. Por quais motivos abandonariam os mortos a sua paz para voltarem a um mundo sem graça, repleto de penúrias e ambições descabidas? Ele, pelo menos, quando morresse, nem siqquer pensaria em tal disparate. Sob sete palmos de terra não o incomodariam os moleques com seus ditos maldosos. Nem o açougueiro da esquina o chamaria de manco, palhaço...

Os olhos do enterrado sorriam ainda, de certo, por trás das pálpebras veladas... Sorriam dos vivos, dos que ficavam. Sorriam dos que lamentavam a morte de seu dono. Sorriam... Que coisa tola é viver!

O coveiro assustou-se ao dar com a rapazola, exquisitamente sentado à beira do túmulo. Depois pensou tratar-se, como êle próprio, de um descrente. Nada temia porque em nada acreditava...

Mas... não, pensou logo. É muito criança, muito novo... Aproximou-se e falou-lhe: — Que fazes, menino? perguntou. Os outros todos, ha tempo, se retiraram. Já não é hora de se visitar o cemitério. A noite aí está. Depois tomou-o, amigavelmente pelo ombro.

Venha, disse. Acompanhar-te-ei até ao portão. Maurício não apresentou recusas.

O portão cerrou-se atrás dele e vagaroso ganhou a estrada em direção da cidade. Mas caminhou tristonho. Sentia afastar-se do cemitério. Inveja-lá, quase, o homem morto que lá poderia permanecer o tempo que quisesse. Ou mesmo sem o querer...

Já no portão de casa o barulho dos automóveis em disparada e dos pedestres fizeram-no saudoso. Saudades do cemitério com suas palmeiras, seus cedros, seus túmulos caiados, sua paz e seu silêncio...

Saudades de tudo. Menos de Ambrósio Cardoso. Mas também.. saudades do homem morto...

Fpolis, 1 de maio de 1952,



Composição de Darcy Penteado

Darcy Penteado
49

BUSCA

J. P. Silveira de Sousa

Entrou pela janela do clube. A cabeça estava um tanto leve da bebida. Primeiro, cantara demoradamente o porteiro. Este respondera agressivo, autoritário, sem olhar:

— Você não entra! Você não tem gravata!

Então disfarçou, fingiu que ia embora, aborrecido, deu volta pelos fundos e pulou a janela. Mas, não foi tudo tão fácil assim. Acho até que se não fôsse a cabeça um tanto leve da bebida, ele não se arriscaria. Ajudou-o um chôufer de praça, gordo, que fumava ali perto. No esforço, arranhou o sapato e bateu com o joelho na parede. Sem importância. Ficou esperando, depois, atento, na privada do clube, enquanto ajeitava a camisa que saltara prá fora das calças. A privada era um quatinho estreito, escuro, fedorento. Temia qualquer coisa. Chegou a arrepender-se. Voltaria... Será que o porteiro desconfiou? Ia sair agora! Não, ainda não. Pouco tempo. O porteiro bebia, podia ser que estivesse no bar, tomando um trago. Mas, ele não ia deixar a porta do clube sem ninguém... É... Chegou o momento... Não, não! Expectativa.

Abriu a porta da privada violentamente. Penetrou no bar, às pressas. Nervosismo ainda. O coração batia. Olhou ao redor. Apreensão. O porteiro não estava. Muita gente! Barulho, gritos gargalhadas. Ar enfumaçado. Orquestra, lá dentro. Todos de gravata.

Será que ela veio? Vontade de procurá-la. Por que? Nunca falara com ela. Ela não o conhecia. Hoje ele falaria. Perderia o medo. Tinha tomado umas canas prá isso. Ela era sentimental, sabia-o. Preparou uma conversa. Durante a dança, ele passaria a papa. Eh! Eh! Seria... Diabo! Disseram que ela não vai a clube. Lembrou-se agora. Às vezes... Teve a certeza de que entrou ali somente para vê-la. Idiota! Vai, não vai...

Alguém se abraçou com ele. Era amigo. Vermelho, risonho. Caminharam entre grupos esparços de gente que falavam ruidosamente. Foram beber. Perto do balcão um sujeito ruivo e um moreno demonstravam força. Outro grupo assistia, às gargalhadas. O garçon era magro, moreno, de bigode. Corria esbaforido, bagas de suor escorrendo pelo rosto. Pediram conhaque com vermute. Conversa. Mais conhaque com vermute. Conhaque puro. Gin. O amigo conversava, rindo sempre. Não era riso natural. A boca se distendia maquinalmente, as palavras saíam, sopradadas, moles, deturpadas. Deu vontade de perguntar se vendiam cachaça ali. O amigo se abraçou com outro. Ficaram muito tempo batendo-se nas costas e gritando. Depois vieram beber. Cerveja, cerveja. Sufocação. O amigo do amigo agitava os braços bruscamente e falava dum campeonato de basquete. Tontura.

De repente, sentiu um desejo incontido de falar, falar, dar gritos, rir... As figuras do amigo e do amigo do amigo desapareceram. Esqueceu-se. Foi andando. A música da orquestra tocava um bolero desconhecido. Barulho. Esbarrou numa cadeira. "Meio ruim", pensou. Olhou o salão. Parou. Ela deve estar. Os olhos percorreram os pares que dançavam. Os olhos estavam pesados, custavam a distinguir. Ela deve estar. Conhecidos, desconhecidos. Todos dançavam. Alguns gigantes, outros turinhos, circunspectos, compenetrados. Um sujeito magro cumprimentou-o, arqueando os sobrelanceiras e esboçando um sorriso. Não sabia quem era, mas respondeu. Caras graves, caras risonhas, caras angelicais, caras com todas as expressões. Ela tem que estar.

Viu o porteiro passar rapidamente, no outro lado do salão. So bressalto! Era êle, sim! Havia uma fileira de individuos em pé, estaqueados, mão esquerda no bolso da calça, mão direita na cãreção do peito, segurando o cigarro, olhos fixos, distantes. O porteiro passara entre êles. Alto, preto, andar apressado. Procurava-o, com certeza... Não, não! Como poderia saber? Alguém dissera... Também não... Ninguém soubera de nada; ninguém... Se êle o visse agora? Talvez... Cambaleou até o bar. (Cambaleava, sentiu mesmo). Enfiou-se num canto. Estava bêbado. "Por que êsse meço?", pensou. Alguém imitava italiano ali perto. Risos, gritos, ao redor. "Manja, manja che te fa bene, figlio dun cano!" Voz áspera, rouca, gritada. Novos risos. "Medo de que? Eu sou homem... ninguém me virá tocar... êsses palhaços... não podem comigo... eu..." "Tuti ils italiani soni ladroni, tuti!" Ha, ha, ha, ha! "Êles não sabem... não sabem quem eu sou... êles" "Porca la Madona!" Criou coragem. Coragem enorme, desapêgo a tudo. As pessoas eram ridículas, deploráveis. Também o que diziam. Tudo. Estacou no meio de um grupo. Sorriso irônico. As palavras irritavam-no, eram tôlas, fúteis. "Idiotas! Estúpidos! Idiotas!" Parece que gritou. A sêde de beber devorava. Bebeu. Bebeu mais. Falou, não sabia com quem, mas falou. Cansaço. A música da orquestra parecia longínqua, em outro qualquer lugar. As pessoas eram figuras vagas, uma cara ou outra que se fixava na retina e logo desaparecia. Falava, falava sem cessar. Falava para todos e contra todos. Êle inteiro era palavra, gesto e mímica.

Agitação. Sentiu a pancada no rosto. Plaf! Cegueira. Atordoamento. Corre-corre. Saltou, feroz. Deu berros, quis matar, quis ferir. Agarraram-no. "Mama mia!" Gargalhadas. O italiano.

A voz do rapaz louro e magro era calma, paternal, conciliadora. O rapaz louro prendia o seu braço, suavemente:

— Eu sei quem tu és. Eu te conheço. Não é por nada não, mas não presta atenção nessa canalha... São todos êles uns boçais... — A voz era remota, distante, fraca — ...uns palhaços... — As vezes

aumentava — ... UNS FILHA DA PUTA! — Depois enfraquecia, afastava-se, tornava-se leve novamente — O melhor é não dar bola, viu? Nem olhar...

Dançava, agora. Arrastava os pés desageitadamente. Estava apático, mole. A loura ria muito, nos seus braços. Riso claro, solto, sexual. Disse que se achava um pouco tonta. Êle apertou-a contra sí. Ela continuou rindo: Os rostos se tocaram devagarinho. Êle sentiu ganas de morde-la, de apertá-la, mais e mais, até gritar, de possuí-la, ali mesmo, no salão. Riu também, beatificamente.

Chegou-se a uma janela e vomitou. A primeira vontade viera talvez a uns dez minutos antes. Êle a conteve. Fôra ao bar e comera um sanduiche de queijo. Sentiu-se pior. Agora vomitava. Depois continuou na janela. Uma aragem fresca voava pela noite calma. Aspirou fundo. A cidade dormia silenciosamente, lá em baixo. Cidade pequena, sem vida noturna. Êle sabia a cidade de cor. Casas baixas, ruas estreitas. Na frente, o Morro, com seus negros, suas misérias, suas brigas, suas macumbas. Uma luz ou outra pontilhava o Morro. O farol de um automóvel brilhou, diminuto, na curva da Prainha. Êle acompanhou a trajetória do automóvel, que aparecia e desaparecia, por trás das árvores e das casas. O mar também dormia, quieto, frio, sem canções. Vislumbrou a luz vermelha do Farol, pisca-piscando, bem lá longe, dentro do mar. Um sono pesado ia atordoando seu espírito, apertava os seus olhos. Duas horas. As batidas do relógio da Cathedral ecoaram, metálicas, lentas. Logo depois as da Nossa Senhora do Rosário.

Êle, quando pequeno, gostava de vêr a luz do Farol... Sua mãe lhe mostrava, apontando, da janela da cozinha... Êle gostava de alisar os cabelos louros da mãe... Em pequeno, êle era sócio d'êste clube... vinha sempre... no Carnaval... (Sono. Fadiga). Pôr que não falara ainda com ela? Disseram que... Amanhã não pensaria mais nela... Ela também era loura... Bonita... Parece que uma vez ela olhou prá êle... Se soubesse... se soubesse escreveria uma poesia... Os cabelos da mãe eram macios... macios... (Lassidão. Vontade de dormir chegando, lentamente, vagorosamente). Só queria saber o nome... só o nome... só... Farol... amanhã... só... gravata... só...



Experiência de Linoleogravura por Hugo Mund Jr.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS: —

JORNAIS E REVISTAS

Boletim Foto-Cine — Foto-Cine Clube
Bandeirante — Ano VI, nº 68-dez. 51, nº
69/70-Jan./fev. 52, nº 71/72-mar./as. 52
— Ano VII nº 73-maio 52 — S. Paulo.

Revue de la Politique Mondiale —
Ano III nºs 4, 5 (fev.), 7 (março), 8
(abril) 9, 10 (maio), 11, 12 (junho), 13
(julho), 1952 — Belgrado — Iugoslávia.

Boletim do Serviço Iugoslavo de Infor-
mações — nº 1 — abril de 1952 — Rio
Jornal do Povo — Suplemento Literá-
rio — Ano II nºs 8-9 — abril de 1951 —
Ponte Nova — Minas Gerais.

O Avicultor — Bimestrário da Socieda-
de Catarinense de Avicultura — Ano V
— nº 13 — abril de 1952 — Florianópolis
— Santa Catarina.

Marches de France — Revue Bimestriel-
le Internationale — Ano VI — 3ª série —
nº 12 — Alost — Bélgica.

Angulos — Órgão Cultural do "C. A.
Ruy Barbosa da Fac. de Direito da Univ.
da Bahia — Ano II — nº 2 — abril de
1952 — Salvador — Bahia.

The Hudson Review — Volume V — nº
1 — Primavera de 1952 — New York —
N. Y. — USA.

Programas do Clube Português de Ci-
mematografia — Cine Clube do Porto
— nºs 109 a 119.

Investigações — Revista do Departam-
ento de Investigações — Ano III, nº
36, dez. de 51 — Ano IV, nº 37, jan. de
52 — São Paulo.

Norte — Revista bimestral — Ano I —
nº 2 — março-abril de 52 — Belém —
Pará.

Universidad de Antioquia — nº 105 —
— janeiro/fevereiro — 1952 — Medellín
— Colombia, nºs 106/107 — março, abril,
maio.

Clência — Revista dos Estudantes da
Fac. de Ciências de Lisboa — Vol. II —
nº 6 — abril de 52 — Lisboa — Portugal.

Boletim Musica y Artes Visuales — De-
partamento de Assuntos Culturais —
nºs 24/25, — fev. março, 26-abril, 27-
maio de 1952 — Washington D. C. USA.

Fundamentos — Revista de Cultura
Moderna — Ano V — nº 28 — junho de
52 — São Paulo.

Revistas de Letras — nº 2 — julho de

1952 — Natal — Rio Grande do Norte —
Itinerário — nº 1 — nov. dez. de 1951 —
Fortaleza — Ceará.

Cuaderno del Taller San Lucas — re-
vista bimestral — nº 5 — 1952 Granada
— Nicaragua.

Revista da Gualra — Ano IV, nºs 36-
maio, 37-junho, 38-julho de 1952 —
Curitiba — Paraná.

Jornal de Música — Ano I, nº 1-jan.,
2-fev., 3-março, 5-maio de 1952 — Rio
de Janeiro.

A. B. C. — Revista de Arte e Cultura
— Publicação bimestral da Associação
Brasileira de Desenho — Vol. II — Ano
IV — nº 1-2, jan-abril de 1952 — Rio
de Janeiro.

O Reflexo — Revista Mensal da Juventude
Israelita Brasileira — Ano IV — nº
25-março-abril, 26-junho de 1952 — São
Paulo.

Letras Fluminenses — periódico de cul-
tura geral — Ano I — nº 3-out. de 50 —
Ano II nº 7-ago. novembro de 51 — Ni-
teroi — Rio de Janeiro.

Orfeu — nº 8 — outono de 1952 — Rio
de Janeiro.

Evolução — Ano I — nº 5 — julho de
1952 — Rio do Sul — Santa Catarina.

Revista da Academia Matogrossense de
Letras — Ano VXIII/XIX — tomos
XXXV/XXXIII — 1950/1951 — Culabá —
Mato Grosso.

Jornal do Agreste — Ano I — — n. 15
— junho de 1952 — Caruarú — Pernam-
buco.

Seara — Revista de Cultura Moderna
— Ano I n. 2 1952 Goiânia — Goiás

Revue de la politique mondiale — ano
3 — N. 14 e 15 — 1952. Beograd — Yugo-
slavia.

"LER" — jornal de letras, artes e ciên-
cias — Ano I n. 4 e 5 julho e agosto de
1952 — Administração de publicações,
Europa-América. Lisboa — Portugal.

"Gualra" — Revista de cultura — Ano
IV — N. 39 — Agosto 1952. Curitiba —
Paraná.

"Alavanca" — Jornal mensal dos grá-
ficos de Florianópolis — Ano I n. 1 —
Fpolis. — SC.

"Ariel" — Segunda época, n. 10, 11, 12,
abril, maio e junho de 1952 — Guadala-
jara, Jalisco, México.

"The Hudson Review" — Vol. 5 — N. 2 — Summer 1952 — New York — U.S.A.

"A. B. D." — Revista de Arte e Cultura — Publicação da Associação Brasileira de Desenho — Maio — Agosto de 1952 — N. 3 — 4 — Vol. 2 — Ano 4 — RIO.

"Crucial" — N. 3 — setembro de 1952 — Porto Alegre — R. G. Sul.

"Fundamentos" — revista de cultura moderna — Ano 5 n. 29 — Agosto de 1952 — São Paulo.

"Investigações" — revista do departamento de investigações — Ano IV n. 38 — S. Paulo.

"Anales de la Universidad de Santo Domingo" — Enero — diciembre — Vol. XV n. 53 — 56 — 1950 — Ciudad Trujillo — Rep. Dom.

"Dionysos" — ano 3 — n. 2, junho e 3, setembro de 1952 — órgão do Serviço Nacional do Teatro do Ministério de Educação — RIO.

"Jornal de Música" — ano 1 — n. 6-7 — junho — julho de 1952, Rio.

"Horizonte" — Ano 1 — n. 1, 2, 3, 4 — março, abril, maio, junho de 1952 — Belo-Horizonte — M. Gerais.

LIVROS

Iremos Longe Demais — romance — Antônio di Monti — Departamento da Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1951.

Os Médicos na Literatura Contemporânea — ensaio — Fernando de Sequeira — Lisboa — Portugal — 1950.

Gandaia — romance — Romeu Correia — Guimarães & Cia. Editores — Lisboa — Portugal — 1952.

Resistência — poemas — Fernando Augusto — Lisboa — Portugal — 1946.

Rumo Incerto — romance — Luis Vaz de Sousel — Edições "Zeus" — Lisboa — Portugal — 1949.

Cartas do Bagreiro — notas e impressões — Mario Mota — marginais inédita de Octavio Rodrigues de Campos — Portugalia Editora — Lisboa — Portugal — 1945.

Triângulo — teatro, novela, poesia — Paulo Hecker Filho — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — 1952.

Portico — poemas — Virgílio Pereira Ramos — Lisboa — Portugal — 1951

La Dernière Chevauchée — poemas — Georgina Mongruel — Rio — 1952.

Caminho de Homem — Poema — Domingos Paolillo — São Paulo — 1952.

Contorno de Eça — apontamentos — Augusto dos Santos Abranches — Minerva Central — Lourenço Marques — Moçambique — 1946.

Elegia do Exílio — José Escobar Faria — poemas — São Paulo — 1952.

Espelho de Cinzas — poemas — Cyro Pimentel — 1949-1950 — Edição do Clube de Poesia de São Paulo — Coleção "Centenário" — São Paulo — 1952.

Paavras de Fé e A última sessão camarária da vila de Oliveira, por Otávio Rodrigues de Campos, de 1951 e primavera de 1952 respectivamente — Lisboa — Portugal.

A Porta Fechada — Contos de Rogério de Freitas, edição da realizações ARTIS Limitada, Lisboa 1952.

Tartufo — Comédia em 5 atos, de Molière. Tradução livre, em dodecassílabos de Guilherme Figueiredo — Departamento de imprensa nacional — Rio, 1952.

Dos Livros de Blanca Terra Viera (com um poema inédito), por R. A. Jorge Rivas — 1952.

CLÍNICA E CIRURGIA DE OLHOS,
OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

— do —

DR. J. J. BARRETO

(Formado pela Faculdade de Nacional de
Medicina da Universidade do Brasil)

Doenças e operações (olhos, ouvidos, nariz e
garganta).

Refração (para uso de oculos).

Angioscopia retiniana (Classificação
das hipertensões).

Chefe do Serviço Médico da Assistência Social
de Diretoria Regional do Departamento dos
Correios e Telégrafos de S. Catarina
Curso especializado de "CANCER", com os
professores Mário Kroeff e Alberto Coutinho,
do Serviço Nacional do Cancer, do
Rio de Janeiro.

Residência e Consultório: Rua Arcipreste
Paiva, n. 5 (1º andar)

Fone — 1445

N. B.: — Atenderá somente casos das
especialidades.

Horário: Das 14 às 18 horas, diariamente.

COCIMA

Construções, Comércio e In-
dústria de Madeiras

Construções, projetos lotea-
mentos, etc.

Madeira em bruto e
beneficiada

Fábrica de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge —

Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

Com equipe de professores
especializados

Aulas noturnas ou diurnas,
a combinar

Artigo 91 — Taquigrafia

Informações na Livraria Lider
(Antiga Rosa)

Florianópolis — Sta. Catarina

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

.....

A R T E C A

LUIZ EDUARDO SANTOS
A R Q U I T E T O

Projetos — Construções — Loteamentos — Decorações

Rua Felipe Schmidt, 23 — Sala 2
FLORIANÓPOLIS

.....

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório : Rua João Pinto 16, sob.
Residência : Rua Alves de Brito, 20
FLORIANÓPOLIS

.....

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência : Consultório :
R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732 Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

GRÁFICA 43 S. A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

MATRIZ

Rua 15 de Novembro, 523
Caixa Postal, 90 — Fone 1085
Blumenau — Sta. Catarina
End. telegr.: "Siewert"

FILIAL

Rua João Pinto 9-A
Fone 1.407 — C. Postal, 309
Florianópolis — Sta. Catarina
End. telegr.: "Siewert"

Impressos em tipo — Litografia e Offset — Livraria —
Papeleria — Artigos de Escritório e Escolar

COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadrinhos — reserrados aparelhados — fô-ro
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

LIVRARIA LIDER
(Antiga "ROSA")

Rua Deodoro, 33-A — Florianópolis

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

SUMÁRIO

SUL	Redação
Conversa com o escultor Moacir Fernandes	— S. M.
Atingiu o cinema a maioridade?	— Roberto Nobre
O cinema e outras artes	— Antônio da Silva Filho
A música folclórica e uma peça de teatro Fim	— Osvaldo F. de Mello (filho)
Poema da recordação	— Eglê Malheiros
Paisagem	— Anibal Nunes Pires
Anoitecendo	— José Tito Silva
Soneto branco	— Antônio Paladino
Elegia	— Waimor Cardoso da Silva
Poema	— Nataniel Dantas
Dois poemas de	— Francisco Rocha Filho
Dois poemas de	— Bertina Lopes
Dois poemas de	— Antônio Jacinto
Paz	— Augusto dos Santos Abranches
Momento exterior	— Manuel Pinto
Sombra	— Horácio Villa
Huerta viva	— Hetelevina Vilanueva y Saavedra
Otono Tarde	— Ana Maria Gerasino
A semana de arte moderna de 1922	— Blanca Terra Viera
Notas & Comentários	— Victor A. Peluso Jr.
	— Redação, Octávio Rodrigues de Campos, Nêilda Aurora Oviedo, Itallino Perruffo, jornal "A Razão", Gabriela Mistral, G. W. S., E. M., S. M. e redação

Memorial descritivo da maternidade da Associação de proteção à maternidade e infância de Tubarão	— Luiz Eduardo Santos
Contistas novos de Santa Catarina - 2 -	— Redação
Si ele encontrasse o Zêquinha	— Antônio Paladino
Mêdo	— Marcos de Farias
Saudades do Morto	— Silveira da Penha
Busca	— J. P. Silveira de Sousa

"Sul" encontra-se à venda

Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.

NO RIO

Livraria José Olímpio
Rua do Ouvidor, 110

Livros de Portugal
R. Gonçalves Dias

Livros Franceses
Avenida Presidente Antônio Carlos, 53.

EM SÃO PAULO

Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607.

Agência Eclética — R. Líbero Badaró, 92.

NO RECIFE

Livraria Editora Nacional

EM PORTO ALEGRE

Livraria Miscelânea, Praça da Alfândega, 38.

EM BUENOS AIRES

Libreria General de Tomás Pardo S. R. L. — Maipu, 618.

EM FLORIANÓPOLIS

Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.

Livraria Lider — Rua Deodoro, 33-A.

PREÇO: Cr\$ 5,00